ANA GONZÁLEZ

Você sabe (mesmo) ler?

Leitura, o sutil mundo das palavras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ANA GONZÁLEZ

Você sabe (mesmo) ler?

Leitura, o sutil mundo das palavras

Ana Maria Mendez González

Você sabe (mesmo) ler?

Leitura, o sutil mundo das palavras

Edições Anagon
Junho 2007

© Copyright de Ana Maria Mendez González

Primeira edição: julho 2007

Você sabe (mesmo) ler? Leitura, o sutil mundo das palavras

Capa: Paulo Papaleo
Diagramação: Constantino K. Riemma
Assistência editorial: Ana Cláudia Vargas
Digitalização: WBragat

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos,
eletrônicos ou outros quaisquer sem autorização prévia da Autora.

Visite: www.agonzalez.pro.br
Contato com a Autora: contato@aganzalez.pro.br
Dê sua opinião e sugestão.

A meu pai,

que me ensinou o amor aos livros

Agradecimentos

Ao Luiz Monteiro, pelo estímulo contínuo;
À Ângela Kleiman, pelas palavras generosas: "Não deixemos que esta chama se apague";
À Ana Cláudia Vargas, pela leitura atenta dos originais, inúmeras sugestões e parceria;
A Maria Ivonete Busnardo, pelas trocas e, principalmente, pela presença amiga;
Ao Roberto Samessima e a todos os amigos e amigas, que confiaram no meu trabalho e estiveram comigo neste caminho;
E à vida, pela oportunidade de todos esses encontros.

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

Prefácio

No século passado, os chamados recursos à disposição da sociedade eram: capital, trabalho, maquinário e terra.
Atualmente, todos esses recursos foram superados por ura outro: o conhecimento. Vivemos na era do conhecimento. Os especialistas dizem que ele é a principal moeda ou recurso do nosso século. Por outro lado, afirmam que a leitura é a principal fonte disponível para a aquisição desse conhecimento.
Sendo verdade o que está escrito acima, os cursos e textos escritos pela Profa. Ana González realmente fazem a diferença. Não são um mero modismo.
É verdade que muitos leitores estão resignados com o padrão de leitura em que se encontram, não acreditando na possibilidade de melhoria. Outros estão descrentes dessa possibilidade em razão das promessas mirabolantes de livros e cursos de leitura rápida.
Melhorar o rendimento nas leituras é um desejo de todos, principalmente dos candidatos que enfrentam a maratona dos concursos.
Há algum tempo atrás, tive a oportunidade de participar de um seminário de Técnicas de Leitura Analítica, também li com muita atenção este original. Acredito que hoje pratico uma leitura mais analítica, com um grau mais elevado de compreensão e até mesmo com um aumento na velocidade.
Além do profundo conhecimento e paixão pelas técnicas de leitura, Ana González, bacharel e mestre, traz uma bagagem de conhecimento invejável na Língua Portuguesa. Para o domínio da leitura é necessário também o domínio do idioma e, portanto, o trabalho desta autora leva uma enorme vantagem.
Este é o livro que faltava nas livrarias e que de agora em diante poderá ser o livro de cabeceira dos bons leitores.
Finalmente, o título que ele apresenta é interessante e provocativo. Realmente esta é uma pergunta desafiadora: Você sabe (mesmo) ler?

Luiz Monteiro
Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil
Coordenador Pedagógico do Pró-Concurso

Carta ao Leitor

Qual Ioga, qual nada! A melhor ginástica respiratória
que existe é a leitura, em voz alta, dos Lusíadas.
Mário Quintana

Sabemos mesmo ler? Contamos com recursos eficientes? Estas perguntas nem sempre são objeto de nossa reflexão, até o momento em que precisamos dessa habilidade. E o que ocorre quando ela é chamada a agir? Nesse momento, podemos nos ver em apuros e, então, podemos chegar à conclusão de que a qualidade de nossa leitura talvez esteja longe de merecer elogios.
Podemos argumentar como defesa, que ela nem sempre é necessária no dia a dia. Por que, em meio às rotinas diárias, nos preocuparmos ainda com questões não urgentes?
Também nos lembramos de que o diagnóstico da competência da leitura nas instituições escolares brasileiras nos tem colocado a par de uma situação difícil de ser resolvida em curto prazo. Muitos são os problemas nessa área educacional e muitas são também as suas alternativas de resolução, seja na área política, seja na cultural, na maioria das vezes fora de nossa competência individual. Bem... Por que me preocupar com isso?
Porém, há momentos em temos que ler. E ler bem.
Pois, foi em sala de aula que pude observar essa necessidade de perto, nos idos de 2001, quando saí em busca de bibliografia na área. Tenho procurado compor, desde então, um exercício docente que possa juntar elementos da farta teoria disponível sobre o assunto a muitos exercícios práticos com a intenção de oferecer às pessoas um modelo eficiente de leitura. A ampliação de seus conceitos a respeito dessa experiência é consequência direta e, talvez, inevitável.
Importante dizer que a referência bibliográfica básica para o desenvolvimento desta metodologia é Ângela Kleiman da Unicamp e do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), cujos livros são citados no final deste livro.
A experiência anterior que tive de magistério no ensino médio, durante duas décadas, juntou-se à dos últimos sete anos, no curso superior e à de outros cursos fora do ensino regular. As dificuldades e a confissão de uma insatisfação nessa

área são muito mais comuns do que se poderia imaginar.
Ao longo desse período, pude verificar que a necessidade de uma boa leitura é hoje um problema real e requisito essencial de muitas atividades profissionais e acadêmicas.
Algumas observações dessa experiência docente com públicos diferentes, em cursos regulares e de outras naturezas, servem neste momento para a compreensão de peculiaridades dessa experiência tão particular.
Esta metodologia foi desenvolvida inicialmente em sala de aula de cursos universitários regulares: Pedagogia, Comunicação Social, Administração de Empresas e Tecnologia de Processamento de Dados[1]. Os exercícios nestes cursos tinham por intenção desenvolver habilidades de leitura e, a partir delas, uma produção de texto também mais qualificada. Acresça-se a esses primeiros objetivos, ura outro: possibilitar aos alunos competências de boa leitura para acompanhar as diferentes disciplinas, fazendo-os aptos a funcionar o mais próximo possível do que se espera de um aluno universitário.
Pude também aplicá-la em um grupo[2] que lida com alunos de escolas regulares que exigiu de mim atenção a outros aspectos da questão. Este grupo desenvolve um trabalho voluntário com um público infantil e adolescente com graves problemas de compreensão. Seus participantes precisavam conhecer o processo de leitura e se desenvolver como bons leitores. Sendo voluntários transformados em professores seriam assim melhores mobilizadores dos trabalhos e modelos de leitura para seus alunos. Quem sabe, agentes divulgadores da leitura nessas comunidades de seu trabalho?
Um outro grupo de Terceira Idade[3] realizou as atividades sempre com a presença do gosto pela cultura e lazer, com uma boa dose de liberdade e grande criatividade.
Estes dois últimos grupos citados despertaram necessidades de adaptação da metodologia a suas necessidades, enriquecendo assim minha reflexão a respeito dela.
De diferente natureza, porém, é a experiência de trabalho com candidatos a uma vaga em concurso público[4]. Na verdade, essa prática tem me proporcionado destreza na aplicação do método. O tempo para a realização das oficinas é muito exíguo e a necessidade dos indivíduos, que não têm tempo para questões teóricas, é muito grande. Acrescente-se a esse quadro que os grupos costumam se apresentar muito heterogêneos quanto ao gênero, à idade, à classe social e à formação escolar e intelectual.
Trabalhar com todos esses grupos, em que os participantes, além de objetivos diferentes, apresentavam um perfil diferenciado me proporcionou um

refinamento da metodologia. Também me vi diante de uma pergunta essencial: como conduzi-los à leitura? Entenda-se: como conduzi-los a esse tipo específico de leitura e, ao mesmo tempo, como ampliar seu conceito dessa atividade.
Cheguei assim a um ponto chave: em que mundos vivem os leitores? De que realidades partilham? A escolha dos textos foi determinada a partir desses universos
referentes a cada um desses cursos, porque somente uma leitura motivada pode realmente ser eficiente. Acreditei que somente uma escolha adequada de textos poderia induzi-los a uma postura capaz de despertá-los para a atenção nas questões mais técnicas que existem atrás do ato consciente de ler.
E, apesar de tão variadas situações didáticas, pude constatar que as necessidades de todos os grupos eram de natureza semelhante: problemas de compreensão, de atenção e de fixação de conteúdos. As mesmas reclamações se repetiam em todas as situações.
E todos também tiveram uma reação semelhante à troca de experiências, que, inesperadamente, mostrou-se sempre muito positiva. Percebi que esta troca de informações além de fortalecer e motivar todos os meus alunos, também ampliou a compreensão do universo da leitura.
O fato é que por ser uma habilidade teoricamente conquistada, não é agradável perceber-se com dificuldades, sensação muitas vezes tornada um verdadeiro peso.
Portanto, se você é estudante universitário, deseja prestar um concurso público, está elaborando um trabalho acadêmico ou simplesmente quer apreender mais dos textos que lê, saiba que este livro se dirige a você. Se você, simplesmente, quer ler melhor, seja bem-vindo a estas páginas!
A intenção é que esta competência - com suas delicadezas - seja compreendida em suas possibilidades e, principalmente, desenvolvida. Quando o material a ser lido e estudado se avoluma em uma vasta coleção de títulos, devemos nos colocar algumas perguntas. Com que recursos eu posso contar? Sei como age o leitor crítico? Que características devo ter para me tornar um deles?
Felizmente, há abordagens atuais do assunto que possibilitam o desenvolvimento de uma eficiência ledora.
A partir de algumas delas e de minha experiência em sala de aula, desenvolvi este trabalho. Descobri também que, por incrível que pareça, o ato de ler evolui. Na teoria e na prática.
Na primeira parte deste livro, você encontrará indicações de preparo para a leitura e verá que ela é uma atividade que requer atenção desde o momento anterior a sua efetivação.
Na segunda parte, será o tempo de conhecer os passos do seu contato com o

texto e de saber algumas informações a respeito dele, tais como seus níveis e estruturas. Paralelamente, serão apresentados recursos para que você tenha uma adequada postura de análise, reflexão e crítica.

As bases teóricas são mencionadas nas referências bibliográficas. Elas têm a função de emprestar a este texto consistência técnica, mas serão tratadas de acordo com a importância que apresentam a você e ao público deste texto, leigo e distante das questões teóricas específicas às letras. O vocabulário técnico será diluído na intenção de não se incorrer em excessos terminológicos.

Na terceira parte, como uma extensão natural, indicamos duas técnicas de estudo, na intenção de melhorar sua organização pessoal e a memorização dos conteúdos: a folha de registro e o diário de bordo.

Por fim, saiba qual é a natureza dos textos com que lidamos neste livro. Ainda que possa servir também para os textos literários e outros do mundo contemporâneo, esta metodologia é aplicada apenas a textos informativos, às vezes de caráter dissertativo. Ou seja, aquele tipo de texto presente principalmente nos momentos de pesquisa e de estudo. Será bom poder explorálos em toda a sua extensão e infinitas possibilidades.

A organização deste texto tem como objetivo principal proporcionar a você instrumentos para tornar essa experiência eminentemente cognitiva e intelectual mais
produtiva nas situações em que ela se faça necessária, solucionando as necessidades básicas de todo o leitor.

Mas, como um segundo objetivo, talvez um desejo, gostaria que a leitura deste livro significasse também a descoberta de um mundo de detalhes e sutilezas.

Há no mundo dos textos, em meio às palavras, a revelação de uma estética especial, bem de acordo com a complexidade do ato da leitura. Um terreno sutil de percepções delicadas, no qual se mesclam relevos construídos pelos múltiplos significados de palavras e pelas surpresas de seus encontros nas frases, intertextualidades, caminhos transversais. Tudo repleto de possibilidades e de aberturas. Em clima de quase mistério.

Ou seja, caro leitor, o caminho para a boa leitura pode ser, além do que se imagina inicialmente, surpreendente. Uma experiência muito peculiar.

Cada um de nós tem uma história de leitura que está sempre viva na memória. Esse repertório histórico faz da leitura uma atividade propensa a subjetivas características. Por isso, os tópicos aqui tratados devem ser entendidos e adaptados a cada caso individual, pois as soluções são sempre muito particulares. Daí, sermos observadores de nossas dificuldades e visarmos sempre o aperfeiçoamento de nossas habilidades. Você conhece quais são as suas?

Está em suas mãos a administração de todo o processo.

Podemos começar?
Mãos à obra!

---

[1] Cursos do Centro Universitário Salesiano (UNISAL), campus São Paulo. www.unisal.com.br.

[2] ACL, instituição que desenvolve um trabalho de voluntariado em escola do Jabaquara e outras. www.acl.org.br.

[3] Grupo do Centro Universitário Salesiano (UNISAL) campus São Paulo.

[4] Pró-concurso, curso preparatório para concursos públicos. www.proconcurso.com.br.

Parte I

Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever - inclusive a sua própria história.
Bill Gates

1. Leitura, questão de qualidade

Preparar-se para atividades de pesquisa e de estudo significa depararmos com horas e horas frente a muitos livros, apostilas e textos de *internet.*
O material a ser lido parece não ter fim. Significa também ter que ler e memorizar em um tempo escasso uma grande quantidade de informações das muitas disciplinas de acordo com os editais e ementas, além da bibliografia indicada para análise em cada uma das situações possíveis.
Da leitura de todo esse material depende a vaga desejada, o diploma ou certificado, algo enfim que tem um valor muito especial. Aparentemente uma tarefa simples, uma competência garantida. Não foi na infância que aprendemos a ler?
Comumente, a leitura é percebida dentro da vida diária e até nas situações escolares, como algo já resolvido. Parece até tarefa pouco relevante, dentro do quadro de muitas outras preocupações. Mas é da qualidade da leitura que depende o desempenho nos concursos, provas e diplomações. Depende dela a boa compreensão dos textos e a incorporação dos conteúdos. Depende dela nossa capacidade para atingir os objetivos propostos.
Complexa e de caráter mental, a leitura exige muitos cuidados para ser de boa qualidade, exigência fundamental para que a tarefa não seja em vão.
É experiência muito familiar a todos nós voltar e voltar de novo ao parágrafo anterior, trabalho de Sísifo sempre incompleto, tendo a impressão de que não gravamos nada.
"Dispersão, de novo? Será que é somente comigo que isso acontece?", você também já deve ter se perguntado com certo constrangimento, desconcertado.
Aprender a concentrar-se é importante para ter o melhor aproveitamento

possível. Observe nos próximos capítulos a descrição de alguns cuidados iniciais que podem ajudar a manter a atenção. Vamos lá?

2. O cenário externo

Reclamações habituais falam de dificuldades de concentração e de necessidade de técnicas de memorização. Nada mais justo para pessoas que precisam ler muito em pouco tempo.

Porém, nem sempre há preocupação com o preparo da leitura. Você já pensou em cuidar disso? Na verdade, pequenos cuidados na rotina da leitura podem cooperar para a concentração o que, por sua vez, poderá ajudar na memorização.

Vários aspectos concorrem nesse sentido, desde o arranjo do espaço e a postura física adequada até a boa iluminação, ainda que tudo isso pareça estranho à primeira vista.

Por exemplo, para um corpo cansado, um relaxamento de dez ou quinze minutos antes de se sentar para estudar pode fazer muita diferença. A negociação com a família a respeito de silêncio ou privacidade é também importante

para compor o quadro apropriado ao estudo. Uma cadeira adequada e a postura correta da coluna também podem propiciar a ativação de uma melhor oxigenação cerebral. Uma boa iluminação para proteger a saúde dos olhos também é importante. Ter o material de estudo organizado - canetas, lápis, borracha e papel - evita sua falta no momento oportuno da anotação. Ler com fundo musical também não é uma boa ideia, pois pode significar a divisão das energias disponíveis entre duas tarefas.

Essa preparação, como um pequeno ritual, pode auxiliar a apreensão cognitiva. O estado de atenção necessário à boa leitura depende de uma continência corporal adequada e de um ambiente propício, iluminado adequadamente e silencioso.

Construa um cenário que colabore para o estado de atenção necessário ao trabalho mental. Todos esses elementos devem ser levados muito em conta se temos intenções de estudo ou de pesquisa, situações em que o leitor não poderá prescindir deles.

Na verdade, ler uma revista ou jornal na sala de espera de um consultório dentário ou médico, distraidamente, não requer estas delicadezas, não é mesmo?

3. Outro cenário, o interno

Na verdade, a leitura começa "dentro". Além do cenário externo há ura interno, que também necessita de atenção e que é um pouco mais difícil de ser percebido. Essa dificuldade acontece porque os esquemas emocionais nem sempre são observados, embora nos acompanhem todo o tempo.
Cansaço físico? Estresse de sexta-feira? Briga em relacionamento? Sabe aquela ansiedade? Aquela preocupação com a conta que tem que ser paga? O recebimento de dinheiro que não aconteceu?
Tais preocupações, emoções cotidianas, devem ser neutralizadas para que a ação de sentar-se para a leitura não seja inútil. Ler com cansaço, com sono, com frio, cora fome, com dor, não ajuda a compreender o texto. Administrar essas variações deve ser ura trabalho realizado com objetividade e pode gerar diferenças. Minimizar os sintomas é fundamental em algumas fases da vida. E afinal de contas, há um estresse óbvio no momento de finalizar um curso ou no desejo de mudança profissional.
Exercícios de respiração e pequenos alongamentos podem ser positivos na construção da continência corporal necessária ao trabalho cognitivo, porque podem ser eficientes para a neutralização do campo emocional.
Você deve observar a afetação do campo de atenção provenientes de tais variações físicas ou emocionais, externas e internas. Cuidar desses aspectos nem sempre nos parece importante, mas, na verdade, as emoções podem ser bastante perturbadoras da ordem necessária.
Você está confortável, em um lugar agradável? Sente-se bem internamente? Então vamos adiante?

4. Quando começa a leitura?

Ledo engano pensarmos que a leitura começa quando focalizamos os olhos nas palavras de uma página qualquer. Ela inicia antes e ultrapassa o momento de sua realização. Como e por que isso ocorre?
O bom leitor, em geral, tem um desejo a ser cumprido, sabe o que vai procurar. Tem um objetivo determinado. Já escolheu o texto e sabe para que vai lê-lo. Estabelece previamente uma expectativa em relação ao conteúdo escolhido.

Ao longo da leitura, se ele estiver realmente envolvido, saberá discriminar se houve uma frustração de expectativas ou a sua efetivação.
Por exemplo, se escolher um texto de determinado assunto para estudar, a partir dessa escolha já tenho uma série de elementos inferidos. No meu pensamento já se constroem referências. Minha leitura já começou.
Identificar a intencionalidade da leitura de determinado texto, ou seja, ter claros os objetivos dessa tarefa e levantadas algumas hipóteses de leitura, são importantes passos para que o leitor tenha antecipada a compreensão das ideias que ele espera encontrar. Essa postura consciente prepara a leitura e motiva a atenção do leitor.
Por outro lado, os resultados dessa atividade continuam após o tempo de sua execução. O texto permanece arquivado, podemos dizer, em nosso repertório mental.
As informações, que são acrescentadas a cada nova leitura, ficam disponíveis no campo da memória e podem ser usadas na formação da rede de ideias que compõe nosso arquivo pessoal. Quando são bem apreendidas tais informações se organizam em campos, em relação a nossos interesses cognitivos. É assim que se forma nosso conhecimento, a partir das leituras que fazemos e dessa elaboração das informações em redes.
De maneira dinâmica, espelhando o desenho de sinapses cerebrais se conectando, os dados coletados em cada nova leitura se ligarão a outros. Assim, vamos aumentando a quantidade de nossas informações a respeito dos vários assuntos de nossa preferência.
Um capítulo de livro ou uma reportagem jornalística pode fazer diferença em nossa história de leitores. Observe como você tem alimentado seu repertório de ideias, como tem sido a construção de sua história de leitura. Todos os textos são diferenciais importantes. E a qualidade da apreensão desses conteúdos mais do que tudo.
E como se faz essa apreensão de conteúdos do texto? Com certeza, ela se faz de maneira muito mais elaborada do que parece à primeira vista. E parte de uma espécie delicada de diálogo. Quer ver?

5. Um diálogo pouco convencional

Você agora, sabendo o que vai procurar e tendo-se preparado adequadamente

para a tarefa, está em condições de estabelecer um diálogo com o texto.

A mais importante chave de um leitor consciente e bem formado é a percepção de que sua tarefa é de interlocução. Aí está a grande magia pela qual os significados são apreendidos: ler como se houvesse uma espécie de conversa interna com o objeto.

Por essa característica, o ato de leitura é uma tarefa ativa, em que você se coloca em postura de contato com um texto que, por sua vez, expressa a intencionalidade de um autor. Esse autor está como que escondido atrás das palavras que escolheu para expressar suas ideias. Ele tem uma intenção que dirige essa escolha. Pois é com esse alguém que se expressou e que permanece implícito que você vai travar contato.

Tal contato, por sua vez, deve ser neutro e ausente de nossos particulares pensamentos. Pois, quem disse que vamos à leitura sem nossa carga emocional e intelectual? Também temos intenções de leitura que muitas vezes se misturam a nossos pensamentos e emoções. Essa intromissão ocorre frequentemente e não será nunca totalmente anulada.

Assim, é muito comum que os indivíduos interpretem as ideias de um texto misturando-as às suas próprias opiniões. Juntamente com as crenças e emoções, tais opiniões são elementos que se incluem no momento da leitura de forma delicada e intensa. Servem de pano de fundo para nossa leitura e muitas vezes confundem e pervertem nossa compreensão do que está sendo lido.

A discriminação entre umas e outras é de fundamental importância para que a leitura seja neutra e, a partir daí, crítica e reflexiva. Esse repertório pessoal deve ser percebido e colocado em adequada perspectiva, para que não atrapalhe a compreensão do texto. Mas, ele não pode ser totalmente anulado.

Sair desse estado de ânimo opinativo e procurar uma visão mais clara e crítica é o trabalho a ser feito. Nesse caso, devemos retomar o caminho das palavras. É nelas que está o sentido que se busca. É a partir delas que podemos separar o que é do autor e o que é nosso.

As ideias estão vinculadas inexoravelmente (num texto escrito) às palavras escolhidas pelo autor. Ficar pertinho delas, é bom palpite. Elas formam blocos, que se juntam em frases, que por sua vez, formam parágrafos que organizam os capítulos etc. Tudo orquestrado pela intenção do autor, que ao escrever, também já conversava com seu possível leitor. É essa interlocução com as palavras, arranjadas em uma teia linguística, a chave para a leitura de qualidade.

Tem sido interessante detectar que as pessoas têm pouca habilidade de observação das palavras e da pontuação, para lembrar neste momento apenas dois dos elementos formadores da rede verbal dos textos. É como se fosse

possível as ideias chegarem a nós por meios mágicos, vindas da página escrita diretamente para o centro de nossa cabeça.
Brincadeiras à parte, nem sempre se percebe que as ideias são expressas através de um movimento dinâmico das palavras em seu jogo linguístico, construindo o corpo do texto. A esse corpo dá-se o nome de textualidade, formada por palavras, organizadas por certas regras e convenções, em frases e parágrafos.
É necessário que se desenvolva a observação dessa materialidade linguística do texto. Esse material linguístico é útil por ser doador de pistas para o leitor. E é com esse corpo verbal que você deve elaborar seu diálogo, que deve ser cuidadoso, visto que é nesse objeto que se encontram as marcas das intenções do autor. Tais marcas são recursos importantes para que se evite a interferência do repertório das nossas ideias. Como você pode perceber, o relacionamento de um leitor e seu objeto, o texto, também apresenta questões que requerem
cuidados delicados. Todo *relacionamento* é assim, não é mesmo?
Abaixo descrevo como um mesmo texto foi elaborado em duas oficinas, com resultados de leitura diferentes, pela natureza dos grupos, sem que isso configure inadequação na interpretação do texto.
O texto abaixo transcrito é de um jornal diário de veiculação nacional:

"No Brasil não conhecem nossa realidade", diz Daniel, 19, soldado israelense no front

Colaboração para a Folha, em Avivim (fronteira Israel-Líbano)

São garotos de 18 a 21 anos, com sonhos de viajar pelo mundo e de voltar para a casa da mãe, encontrar a namorada e sair para se divertir. Há uma semana estão acampados em barracas verdes, dormindo pouco, em média quatro horas por noite, e comendo rações militares. E disparando com artilharia pesada contra o sul do Líbano. Sabem que suas bombas podem atingir civis.
"Estou defendendo o meu país. É claro que me sinto mal se ouço que morreram civis do outro lado. Mas acho que eles não ligam muito se estão mirando os Katyushas contra as nossas cidades", diz um deles, em referência aos foguetes usados pelo Hizbollah.
É preciso fazer a mesma pergunta quatro vezes até que o jovem soldado ouça. "Sabe como é, uma semana disparando, com todo este barulho... ", explica, antes de retirar os tampões de ouvido, que pouco ajudam a aliviar os estrondos.
Quando um jornalista chega perto, os rapazes se reúnem, curiosos. Eles têm a guerra nos rostos, uma expressão de preocupação que some quando ainda

surgem sorrisos juvenis. Estão cercados por montes de munições e barracas militares. São puro suor, fedem a 35ºC.
Mas querem mostrar que são meninos, e um deles começa a cantar uma música. Alguns acompanham e batem palmas, outros só observam.
A conversa varia de futebol a política e a morte de civis. Daniel, de 19 anos, um rapaz gorducho de pele morena, quer saber o que acham da guerra no Brasil, mas logo diz: "Acho que no Brasil não conhecem a nossa realidade aqui".
Outro, que está nos últimos três meses de serviço militar, diz que não liga para o que mundo pensa.
"Só me importa a situação dos cidadãos de Israel neste momento. Se não estivéssemos aqui, os terroristas estariam no nosso lugar", opina.
Os canhões de artilharia estão posicionados em um campo agrícola no norte de Israel. É proibido divulgar a localização exata. "Somos um alvo estático", analisa um oficial.
Os meninos são alvos estáticos e sabem que podem matar civis, tema que volta sempre. "Não quero pensar nisso, me sinto mal", diz outro soldado.
Nenhum deles diz ter medo. Todos repetem que estão prontos a lutar até quando for necessário, mesmo sentindo falta da mãe, da cama e da namorada, em nome da defesa do país. Mas sabem que estão fazendo guerra de verdade, e o medo se revela em suas faces.

M.G. (Folha de S. Paulo. 22/07/2006)

A leitura seguiu, nos dois casos, o padrão comumente utilizado nas oficinas, iniciando por uma primeira leitura em silêncio, seguida pela exposição de ideias gerais por parte do grupo.
As primeiras ideias apresentadas nos dois exercícios de forma assistemática foram: o terrorismo, a guerra e a juventude, o sofrimento dos jovens.
A diferença entre os dois grupos aconteceu na segunda leitura, a cada parágrafo ou frase lidos e discutidos. O primeiro grupo mostrou-se sensível às questões da guerra, dos lados envolvidos, levantou opiniões a respeito da motivação e de aspectos políticos, de sua validade ou justiça. Este grupo ficou mais atento á questão da guerra e de suas circunstâncias. O segundo grupo também levantou essa questão, mas permaneceu mais intensamente na discussão de aspectos menos politicamente ideológicos. Surgiu a hipótese de ele ser poético, humanista e até filosófico, levando-se em conta os possíveis níveis de sensibilidade do jornalista. O texto elaborado e a perspectiva do jornalista foi a questão que

preocupou por mais tempo este grupo.
Qual foi a leitura correta? É possível discriminar o correto? A compreensão e a mobilização do repertório dos leitores não seguem regras. Neste caso, ela esteve dentro de um espectro possível, desenhado pelo corpo de ideias do texto. Ocorreu uma mobilização de emoções que seguiu o caráter de cada grupo e que não impediu a construção de seu adequado sentido.
As reações despertadas são peculiares a cada grupo ou a cada leitor. Fica a experiência registrada de que há um limite básico para a compreensão, mas há vazamento de crenças e opiniões, mesmo que tenhamos muito cuidado para isso não ocorrer.

Parte II

A leitura de um bom livro é um diálogo incessante:
o livro fala e a alma responde.
André Maurois

6. O texto, enfim!

Temos, portanto, dois elementos fundamentais para o estabelecimento da equação da leitura: você, leitor, em diálogo com um texto. Já concordamos que uma antecipada preparação será adequada para uma postura ativa nessa interlocução.
Mas, você sabe o que é um texto? Para uma postura operativa será útil que você conte com algumas informações a respeito desse objeto com o qual você vai entrar em contato.
Não faz parte de nossos objetivos nos alongarmos em meio à bibliografia disponível a respeito de texto. Mas, alguns aspectos teóricos serão abordados, na medida em que isso se fizer necessário, para que você tenha mais desenvoltura nessa ação.
Cabe aqui uma comparação cora o processo da fotografia. Imagine que para a pessoa interessada em tirar fotos, o conhecimento da técnica de fotografar não é essencial, mas, com certeza, trará qualidade ao produto final. Se ela tiver informações sobre luminosidade adequada, perspectiva visual correta e conhecimento da aparelhagem técnica, conseguirá melhores fotos. Então, prepare-se para lidar com alguns aspectos técnicos da textualidade. Com essas informações sua leitura será mais eficiente, com certeza. E esse terreno não é nem tão árido, nem tão desprovido de graça, como pode parecer.
Recentemente, muitos estudos têm diversificado e ampliado as perspectivas através das quais o texto é concebido. Inicialmente, pode-se supor que ele não é apenas um conjunto de frases. Mas, essa concepção não faz jus ao que de fato ele é.
As frases que o compõem estão ligadas por um centro organizador. Seu significado depende de um todo maior, com o qual elas se relacionam e que é o

motivo pelo qual surgiram. A intenção de um autor comanda a realização desse todo maior. Ao escrevê-las, ele tinha um contexto de referência, que é essa intenção essencial, do qual não se distanciou, sob pena de deixar seu trabalho sem significado. Ao compor os dados que tinha em mente em torno de uma organização, ele desenhou uma unidade textual e linguística.

É isso: o texto apresenta uma unidade que é, antes de tudo, de sentido, em relação a uma intenção comunicativa. A esse respeito, Ingedore Koch nos diz: "O texto é muito mais que a simples soma das frases (e palavras) que o compõem: a diferença entre frase e texto não é meramente de ordem quantitativa; é, sim, de ordem qualitativa".(1993, p.14).

Podemos entender que a qualidade a que ela se refere, tem a ver com um sentido de ligação entre as partes que o constituem e que lhe dão consistência. Essa conexão é necessária para formar uma unidade organizada ou um sistema. Tem também relação com alguns critérios que o tornam viável e que são responsáveis pelos significados que se quer apresentar.

A respeito de como essa ordem qualitativa se organiza, ela continua: "Assim, passou-se a pesquisar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, quais os elementos ou fatores responsáveis pela textualidade". (KOCH, 1993, p.14).

Tais fatores tornam o texto passível de leitura, porque servem para a organização desse sistema e da ordem de seus significados. Abordarei adiante outros aspectos que serão úteis a você.

Neste momento, podemos seguir com a observação do título. Como? O título?

7. Quem se lembra do título?

Nem nos damos conta de sua presença, passando ele, então, despercebido. Prontamente nos encaminhamos ao texto propriamente dito, pois é ele que importa. Certo?

Errado. O título, em princípio, já encaminha o leitor para os conteúdos que ele deve encontrar no texto. Pode ser óbvio que ele anuncie o que vai se desenrolar. Tal obviedade, entretanto, pode ser argumento que justifica, - ó desconcerto - a nossa distração.

Comumente não lhe damos importância como um daqueles índices que antecipam compreensão, seja pela mobilização do conhecimento prévio do leitor, pela inferência de significados ou ainda pela possibilidade de formulação de hipóteses de leitura, que auxiliam o leitor nessa caminhada.

Há títulos muito explícitos, que são bons indicadores dos conteúdos, e outros menos explícitos, que exigem do leitor uma percepção mais elaborada de sua relação com o conjunto do texto. Estes últimos são menos frequentes nos textos que habitualmente fazem parte do material didático disponível para concurseiros ou pesquisadores em geral.

Devemos tê-lo sempre em mente quando lemos. É como um farol, um direcionamento com que o autor presenteia o leitor. Os autores em geral, tomam cuidado ao escolhê-los. Seria bom que você pudesse também ser cuidadoso em não esquecê-lo durante sua leitura.

E para exemplificação da importância do título, apresento dois textos em que os títulos representam funções diferentes. O primeiro, logo abaixo, é uma carta de leitor em jornal diário:

Perigo de Dengue

No dia 30/janeiro protocolei carta ao Instituto Horto Florestal, reclamando do córrego que há dentro da ciclovia, por temer a proliferação do mosquito da

dengue, mas a carta foi recebida por d. Ana Lúcia Cervante, diretora do parque, somente no dia 8 de fevereiro. D. Ana Lúcia informou ter marcado o serviço de limpeza para a semana seguinte. No dia 17 vieram alguns roçadores para fazer o serviço, mas só roçaram a parte reclamada, sem ir até o final, e além disso não recolheram o mato, que deixaram caído sobre o córrego, fazendo com que a água ficasse ainda mais parada. Liguei para reclamar, e a responsabilidade que obtive foi que eles nada têm a responder sobre o córrego, que é responsabilidade da Sabesp. Pergunto: o que é que a Sabesp tem a ver com um córrego cuja nascente está dentro da ciclovia do instituto? E por que a Sabesp teria de limpar o mato arrecadado pelo instituto? Teremos de esperar por mais de um mês, até que a Sabesp venha a limpar o serviço malfeito do instituto? E, se minha família vier a ter dengue, a quem devo processar? Sabesp ou Instituto Horto Florestal? Deixo claro que não pedi nenhum favor, só solicitei um serviço que é da responsabilidade deles, e pedi algo para proteger a minha família e a comunidade onde moro do mosquito da dengue. Tudo isso é um grande descaso para com a população e um desleixo enorme para com um parque que poderia ser mais útil ao povo. E isso sem contar que o governo faz campanha para que cuidemos de nossa casa, mas não cuida do que é de sua responsabilidade!

Sandra R. Destro Desontini e Cláudio Desontini -
Bairro do Cocho (O Estado de S. Paulo, março de 2002)

O título Perigo de De*ngue ex*pressa o cerne da questão debatida. Os detalhes dados pelo texto a respeito da dificuldade de resposta à carta, as intervenções precárias das autoridades e a indignação dos autores, são aspectos complementares ao núcleo.

Para explorar a função que um título pode exercer, podemos verificar o impacto que outros títulos nesse texto poderiam ter no leitor. Por exemplo, *Indignação do cidadão ou Irresponsabilidade das autoridades, imprimir*ia uma força maior à parte final da carta, em que as perguntas ampliam o debate em relação a questões de cidadania. Por sua vez, o título Te*ntativa frustrada* daria uma atenção às emoções dos autores da carta.

Poderíamos encontrar outras hipóteses de titulação. Podemos perceber através deste exercício que uns mais do que outros podem expressar a relação do autor com o seu leitor, induzido ou dirigido por esse título para as intenções pelas quais o texto foi escrito.

Podemos perceber, então, que o título escolhido pelo jornal enfatiza o motivo em torno do qual a argumentação da carta se desenvolveu. Com certeza, com

neutralidade, posiciona o leitor para o que vem em seguida.
O segundo texto é um editorial de revista:

A imagem é uma arma

O jornalista e escritor Luigi Barzini, autor do clássico Os Italianos, dizia que a Itália dos anos 60 apresentava o mesmo nível de desenvolvimento social da Inglaterra de
1920. O autor imputava essa defasagem de quarenta anosnão apenas às condições econômicas, mas principalmente ao fato de na Itália dos anos 60 a sociedade ser condescendente e promíscua com os mafiosos.
Os relatos sobre o enterro do bicheiro Waldemir Paes Garcia, o "Maninho", fuzilado presumivelmente por rivais na semana passada no Rio de Janeiro, são uma triste evidência de que, usando-se a mesma medida de Barzini, parte do Brasil vive ainda imersa no gangsterismo típico das grandes cidades americanas das primeiras décadas do século passado.
Como outros grandes bandidos, Maninho, dono de milhares de pontos de jogos de azar ilegais, passava a vida em meio à sociedade distinta do Rio de Janeiro. Foi enterrado como viveu, cercado de gente famosa. Os jogadores de futebol Romário, tetracampeão do mundo, e Edmundo, ambos hoje no Fluminense, foram prestar últimas homenagens ao amigo. Também esteve ao lado do caixão o ex-jogador Renato Gaúcho. Um surdo tocado por um ritmista da Escola de Samba do Salgueiro conferiu a devida solenidade às pompas fúnebres.
O Brasil e o Rio de Janeiro, em especial, não poderão estabilizar-se como sociedades modernas, produtivas e justas enquanto houver condescendência e promiscuidade com criminosos. Jogadores de futebol, artistas e outras celebridades têm a maior porção de responsabilidade em sinalizar a intolerância da sociedade com os malfeitores. Nos Estados Unidos, desde os anos 50, a Justiça pune com maior vigor os transgressores célebres. Chama-se isso de "efeito demonstração". Uma violação da lei que daria a uma pessoa anônima apenas uma multa ou advertência pode resultar em cadeia para outra famosa. Foi assim com a cantora de jazz Billie Holiday, condenada nos anos 50 por porte de drogas. Foi assim recentemente com a empresária e apresentadora de televisão Martha Stewart, que, acusada de manipulação no mercado de ações, vai cumprir pena de cinco meses. A lição? A imagem é uma arma. O melhor a fazer é usá-la para o bem.

(Carta ao leitor. *Veja,* 6/10/2004)

O título faz menção a uma questão de comunicação cultural (a imagem), que subentende significados sociais, abrindo espaço também para o tema da violência. A palavra *arma* sugere fortemente esse tema (arma de fogo). Fácil, quase necessário, para o leitor esperar que o texto lhe indique esses assuntos. Mais uma vez, ele vai ter que ler e usar suas estratégias de leitura para atualizar passo a passo suas hipóteses em relação ao que o texto lhe apresenta.
O leitor não vai ter dados para ratificar sua hipótese de leitura em relação ao título, ainda quando estiver no primeiro parágrafo, em que é dirigido a uma comparação entre as culturas italiana e inglesa.
No segundo, o leitor começa a perceber as relações entre tais culturas e a brasileira, mas, ainda não tem condições de construir o sentido do título, que permanece dentro dele como uma pergunta a ser resolvida.
No terceiro parágrafo há um relato em que se juntam pessoas de um mundo de criminalidade e outras famosas e presentes na mídia, no Brasil. No quarto, faz-se uma reflexão a respeito da situação brasileira e americana em relação à impunidade e suas consequências.
Somente neste último parágrafo, fica explicitada a intenção do título, mais especificamente nas últimas linhas do texto em que ele é literalmente retomado. E de forma criativa e original. Não é o que se espera, pois, a sugestão de violência aparece associada á questão da comunicação. Assim, a relação estabelecida não é a que está mais ligada ao senso comum. Ou seja, é um título que estabelece um jogo com a expectativa do leitor,
quebrando-a, depois de aumentá-la com Suspense, quase um desafio.
Isso tudo torna a leitura mais interessante. Isso tudo a partir de um jogo de palavras no título do texto.

8. A vizinhança amiga

No capítulo 6, a respeito das primeiras informações sobre texto, você soube que ele é uma unidade com um centro organizador. Todas as suas partes devem conversar entre si como ocorre com os sistemas de qualquer natureza. É dessa integração que nasce o seu sentido.
Porém, ainda que sua organização interna lhe forneça uma integridade

significativa, ele não está isolado em si mesmo. Ele também faz parte de um todo maior que pode ser chamado contexto.
Na verdade, a palavra contexto requer um pouco de nossa atenção por propiciar uma diversidade de significados.
Enquanto alguns teóricos a utilizam para identificar elementos extralinguísticos, outros a empregam com o sentido prioritariamente linguístico. É o caráter flexível das palavras, aspecto interessante de sua natureza pródiga, que explica essa variedade de possibilidades de emprego da palavra contexto. E as teorias correm atrás dessa flexibilidade... E nós atrás das teorias...
Assim, podemos identificar vários níveis de contexto. O primeiro, muito amplo, externo ao texto. De onde ele foi extraído? Qual é a fonte? Assim, há uma diferença se ele tiver sido retirado de um capítulo de livro ou se faz parte de um jornal. Tal fonte nos traz informações que
não podemos desprezar. As intenções de cada texto são adequadas a cada uma delas. O texto jornalístico tem um caráter fortemente informativo enquanto a natureza das informações do livro, talvez tenham um caráter de maior permanência e uma linguagem mais formal. Observar os dados dessa origem dos textos é aceitar informantes iniciais, amigas da boa compreensão que desejamos ter.
Por outro lado, ainda dentro desta concepção de elementos extralinguísticos, podemos entender também que qualquer texto faz parte de um quadro mais amplo de informações, que se constitui como um repertório cultural da sociedade e também pessoal do leitor.
Se nossa base contextual de informações a respeito de determinado assunto for pequena, poderemos ter alguma dificuldade, antecipadamente esperada, para a construção do sentido. Nesse caso, será adequado dispor de mais tempo para a leitura, diferentemente do que pode ocorrer caso o assunto nos seja familiar.
Portanto, a compreensão das ideias de determinado texto será facilitada ou dificultada de acordo com o nosso repertório contextual, uma segunda possibilidade dessa compreensão de natureza extralinguística. A percepção do quadro dessas referências externas (fonte e quadro cultural de informações), a que denominamos vizinhança amiga é aspecto importante para a boa leitura.
Por último, temos o nível linguístico propriamente dito, a terceira concepção de contexto, formado por aspectos formais e internos ao texto.
De acordo com Platão e Fiorin, contexto é "uma unidade linguística maior onde se encaixa uma unidade linguística menor. Assim, a frase encaixa-se no contexto do parágrafo, o parágrafo encaixa-se no contexto do capítulo, o capítulo encaixa-se no contexto da obra toda".(2000, p. 12).
Essas relações conferem organização e ordem ao texto. Ela centraliza todas as

partes em círculos que vão da palavra aos blocos de palavras, à frase, e daí ao texto como um todo, que funciona, então, como uma unidade maior, referência e pertinência.

Ducrot e Todorov (2001, p. 297), em palavras que elucidam esta questão, dizem que as situações, a partir das quais os textos são concretizados, incluem o ambiente físico e social em que eles se dão, questões de imagem, identidade e representações de cada um dos interlocutores e também os acontecimentos anteriores, e principalmente aspectos do momento da comunicação. Ou seja, os textos se compõem de muitas circunstâncias que falam de nós, fazendo ressoar significados sem que nos demos conta disso.

Para o leitor, é importante conhecer essa representação múltipla que o texto nos oferece, para poder avaliar o que ele diz de forma mais completa. Você começará a observar os textos de forma diferente depois dessas informações.

Ducrot e Todorov ainda dizem na sequência da citação que, apesar dessa possibilidade, deve-se reservar o nome de contexto para os aspectos estritamente linguísticos do texto. (2001, p. 297). Ou seja, desconsiderando os aspectos anteriormente citados, os autores preferem a utilização desse termo em relação apenas aos níveis da linguagem.

Outros autores concordam e discordam dessa posição. Como em outras situações, surge a natureza flexível das palavras e problemas na terminologia técnica.

Às vezes, há dificuldades de demarcar limites às aberturas conquistadas pelas palavras. Elas apresentam empregos variados no senso comum e também nos contextos teóricos a que se referem. É difícil circunscrever dentro de linhas diferentes a respeito de um mesmo tópico, um senso comum para o significado de algumas palavras. Delicadezas próprias a seu reino.

Encontramos, frequentes vezes, tais sutilezas nos textos, em situações de leitura. Devemos contar com essa abertura significativa e que não deve representar obstáculo, mas convite a uma leitura mais abrangente e interessante.

Em relação à palavra cont*exto pu*demos observar grande variação de significados. Preferimos em relação a ela, aceitar todas essas referências citadas como vizinhanças amigas e não inimigas à tarefa do leitor.

Observe essas questões no exemplo que segue:

O vírus de 'Guerra dos Mundos'

Fantasia Futurista de Byron Haskin antecipa "Independence Day"

No mesmo pacote que pôs Barbarella nas locadoras e lojas especializadas de

DVD, há outro famoso filme de ficção científica saindo em disco digital. Guerra dos Mundos baseia-se no livro de H. G. Wells que está na origem da transmissão radiofônica que provocou pânico dos EUA, no fim dos anos 30, e serviu de passaporte para Orson Welles tomar de assalto Hollywood e revolucionar o cinema com Cidadão Kane. Guerra dos Mundos é de
1953. Ganhou o Oscar de efeitos e eles continuam eficientes, embora um tanto primitivos em relação ao que se faz hoje no cinema norte-americano.Produzido por George Pal e dirigido por Byron Haskin, Guerra dos Mundos mostra o que ocorre quando os marcianos invadem a Terra. Na verdade, os vermelhos do espaço servem de metáfora para os outros vermelhos que os EUA enfrentavam aqui mesmo: os comunistas. Afinal, havia, na época, uma guerra na Coréia e o macarthismo fazia estragos no cinema de Hollywood. Nesse quadro, Guerra dos Mundos é muito discutido por sua defesa da guerra bacteriológica. Anos mais tarde, foi essa mesma solução, transposta para a informática, que Roland Emmerich adotou em Independence Day. O lançamento traz como extra só o trailer de cinema.

(O Estado de São Paulo, l°/03/2002).

O objetivo básico do texto é informar a respeito do lançamento do filme Guerra dos Mundos em forma de DVD. Porém, seu autor mescla uma série de outras informações, que são referências importantes para os cinéfilos, tais como os dados a respeito de Barbarella, Orson Welles e seu Cidadão Kane e Independence Day.

Se você não é da turma dos aficionados do cinema poderá não acompanhar esse texto da mesma maneira que alguém desse grupo. Ou seja, esse contexto extralinguístico representa um diferencial a ser levado em conta por você. Da mesma forma, a sutil ironia do título (*O vírus de 'Guerra dos Mundos') ta*mbém poderá passar despercebida pelos leitores, assim como a extensão simbólica do sentido do subtítulo (Fan*tasia Futurista de Byron Haskin antecipa "Independence Day").*

Identificar essa vizinhança amiga (ou inimiga) pode significar, em último caso, um alívio para você: eu não sou da turma do cinema. Esse pensamento poderá livrá-lo de alguma culpa por não ter bem compreendido o texto.

Discriminar o que é contexto em casos assim é tão importante como os conceitos que serão elaborados nos próximos capítulos. São eles: linguagem, discurso e gêneros textuais. Todos esses conceitos podem colaborar para que sua leitura seja de qualidade. Eles nos ajudam a entender o que é texto, aquele lugar em que

as palavras se colocam desenhando as ideias.
E começo com estas questões: Você já se perguntou o que é a linguagem? Já pensou como surgiram os textos com que lidamos? Como eles têm se configurado?

9. A linguagem e os discursos

Os textos estão no meio de nós, o tempo todo na experiência cotidiana. Além daqueles que estudamos, deparamos com muitos outros permeando as circunstâncias sociais: o receituário médico, a receita culinária, a mensagem de intern*et, o relatório* do departamento e o artigo jornalístico, por exemplo.
Você talvez nunca tenha se perguntado como se organiza esse mundo de textos. De onde eles vêm? Quem os inventa? Para responder essas questões temos que passar por outras que são essenciais nessa área. Precisamos saber também o que é linguagem e discurso, visto que os textos se compõem a partir da primeira e são portadores do segundo.

A linguagem, que é uma capacidade humana por excelência, tem sido percebida de várias maneiras ao longo do tempo: como representação ou "espelho" do mundo e do pensamento, como instrumento ou "ferramenta" de comunicação, e, de acordo com as últimas teorias linguísticas, como a forma e o "lugar" de ação ou interação (KOCH, 1995, p.9).
Esta última compreensão nos diz de uma linguagem, que é expressão de diálogo. E ela se exerce entre dois interlocutores na ação da vida, em situação de cotidiano. Por exemplo, ao comprar jornal, ao conversar por telefone, ao escrever um *email* utilizamos dela sem nos darmos conta disso.
Essa linguagem verbal, tão naturalmente elaborada nas situações diárias, nos acompanha desde o nascimento. Uma criança de três ou quatro anos sabe dizer "O carrinho caiu no chão." Ela não terá dúvidas na colocação das palavras. Nem titubeará pensando se é "Chão o carrinho no caiu".
Verificamos que, desde muito pequena, ela conhece como empregar as palavras numa certa ordem e que esse saber inclui um nível de gramática da língua. Ela é uma "competência linguística internalizada" a que se dá o nome de implícita, "porque o falante não tem consciência dela, apesar de ela estar em sua "mente" e

permitir que ele utilize a língua automaticamente." (TRAVAGLIA, 2003, p.33). Ou seja, trata-se da gramática que adquirimos juntamente com a aprendizagem da fala na primeira infância e cujo desenvolvimento para conhecimento das muitas potencialidades da língua normalmente é feito na escolaridade formal.

Para nos comunicarmos adequadamente não basta sabermos a gramática desse conhecimento espontâneo que temos da nossa língua. A vida social e de comunicação exige de nós, além do desenvolvimento de capacidades linguísticas, outras de natureza extralinguística.

Assim, temos também que perceber quem é o nosso interlocutor, entender a situação em que estamos agindo dentro de um determinado contexto para que a linguagem verbal exerça a sua função. Por exemplo, ao escrever um relatório para determinado setor da empresa em que trabalhamos, utilizaremos um nível de linguagem diferente daquele do *email* para os amigos convidando para um churrasco comemorativo de aniversário.

Essa adaptação de nível linguístico será realizada mais ou menos naturalmente, mais ou menos conscientemente. Ela leva em conta os aspectos contextuais da comunicação entre específicos interlocutores.

Essa atividade do nosso dia-a-dia, por outro lado, produz textos que expressam maneiras de pensar, sentidos, ideologias. A essa qualidade da comunicação por meio dos textos, os teóricos chamam *discurso.*

De acordo com a profa. Helena Brandão no *site* www.museudalinguaportuguesa.org.br, sabemos que "não há discurso neutro, todo discurso produz sentidos que expressam as posições sociais, culturais, ideológicas dos sujeitos da linguagem". Isso ocorre porque todos somos seres determinados histórica e geograficamente, pertencentes a determinada comunidade e, por isso, portadores de crenças, valores e de uma ideologia do grupo a que pertencemos. Você pode perceber como é importante conhecer esse aspecto dos textos, visto que eles são portadores das crenças de seus autores.

E, então, você deve se perguntar: como identificar quais são os sentidos dessa ideologia próprios ao autor do texto? São perceptíveis de forma clara? São diluídos? A partir daí, qual deve ser a minha postura de leitor ao interagir com os textos?

Há presença de ideologia independentemente de que tipo eles sejam. Podemos até supor que os textos de natureza didática sejam isentos dela. Isso asseguraria uma intenção de neutralidade do autor. Porém, não é o que ocorre. A ideologia do autor é obrigatoriamente incluída até em um texto organizado com intenções didáticas explícitas.

Ao selecionar a bibliografia de referência e as opiniões de autores disponíveis na

área, ao dimensionar a perspectiva do tema, ao dividir os assuntos nos capítulos, enfim, toda escolha para a organização de um texto evidencia uma postura ideológica, ainda que ela possa ser sutilmente disposta, num adjetivo ou advérbio junto ao verbo. Em um texto editorial jornalístico ou uma peça de propaganda, por exemplo, podemos encontrar por vezes
declaradas intenções ideológicas. Outras vezes, elas são neutralizadas ou minimizadas.
Portanto, você deve estar consciente para a observação desses detalhes, visto que estão sempre presentes, ainda que às vezes pouco explícitos. Sua leitura deve tentar perceber tais sutilezas. Pelo menos, saber que eles existem torna a leitura menos inocente.
Na verdade, não podemos ler sem essa perspectiva de crítica. A linguagem escrita é cheia de significados, como você pode perceber, e são as palavras que a compõem que expressam tais ideologias. Você deve identificar tais meandros de significados. Um leitor eficiente é capaz.
Mas, ainda fica uma pergunta sem resposta. Como surgem os textos?

10. O mundo dos textos

Os textos, portanto, carregam discursos típicos a seus produtores e são condicionados a fatores históricos e sociais. São, por isso, tão variados quanto são essas condições culturais em que são gerados. São característicos de toda a sociedade letrada como a nossa em que os textos se multiplicam. Eles formam um mundo em que todas as pessoas precisam saber como transitar.
E você sabe como essa multiplicidade de textos é criada ou inventada? Ela é proveniente de necessidades cotidianas, de organização dos espaços sociais, de comunicação de informações de cunho prático, burocrático ou legal. A crescente complexidade de nossa sociedade talvez seja uma das razões para explicar a
multiplicação de tipos de texto que permeiam os variados campos sociais, desde a nossa casa até os espaços públicos.
E já sabemos que o discurso, por sua vez, se apresenta na forma desses textos. Ele aí se concretiza, de forma implícita. Diz Fiorin a esse respeito: "enquanto o discurso pertence exclusivamente ao plano do conteúdo, o texto faz parte do nível da manifestação".(2000, p. 38). Pouco mais à frente, no mesmo livro, ele continua: "O texto é / ... / individual, enquanto o discurso é social." (2000, p. 41).
Nas esferas de atividades sociais, encontramos variados discursos, como por

exemplo, o religioso, o doméstico, o legal. Assim, de cada um deles conhecemos textos, como por exemplo, a Bíblia, o Alcorão, a oração e o sermão do padre. E em casa, temos o orçamento do eletricista, a lista de compras, a receita culinária e o bilhete para o filho. Você já teve, possivelmente, que escrever um requerimento ou um relatório, que são textos de cunho legal. Percebemos que os primeiros apresentam uma elaboração mais sofisticada, enquanto os referentes ao ambiente doméstico se caracterizam por informalidade e espontaneidade. Os legais são formas fixadas por regras que podem mudar com o tempo, mas com menos flexibilidade.

Todos esses textos, por apresentarem finalidades específicas de comunicação, devem estar dentro do conhecimento das pessoas que participam da sociedade, sob pena de elas não se incluírem nas atividades sociais e legais. O trânsito nos espaços sociais e culturais vai permitindo e até exigindo que tais textos surjam, visto que eles têm uma função organizadora nesses espaços.

No decorrer do tempo, eles se transformam de acordo com as mudanças na sociedade. Assim, um discurso de um padre nos dias de hoje apresenta características diferentes daquelas de um século atrás. O texto jornalístico também tem sofrido adaptações desde que a int*ernet sur*giu na sociedade contemporânea, passando por mudanças em sua função de informante. O *curriculum vitae* tem se transformado de acordo com as necessidades das empresas e as formas que o emprego tem tomado na contemporaneidade. Então, todas essas mudanças aconteceram por razões espontâneas, vindas de situações sociais e culturais, sempre a serviço de boa comunicação.

Além desses aspectos que relacionam a forma dos textos com a sociedade, podemos observar também outros de natureza interna. Ou seja, na sua composição há aspectos dignos de nota. Assim, dentro das possibilidades de sua composição podemos identificar algumas categorias fundamentais que estão presentes na base de todos eles. Entre elas temos: a descrição (em que a enumeração de tópicos se dá sem progressão temporal), a narração (em que acontece uma progressão temporal) e a argumentação. "E a dissertação?", você poderia perguntar. Quem não se lembra dela dos tempos de escola? Ela ocorre quando há reflexão a respeito de algum assunto.

Resumindo, o importante para o leitor é perceber que a linguagem produz textos de variadas formas. Os didáticos, em geral, são elaborados a partir de uma sequência lógica que serve de linha mestra para o autor e também para o leitor. Os textos informativos de que tratamos podem apresentar narração, descrição e argumentação. A mistura desses recursos é possível e o leitor deve saber qual é sua função dentro do texto, ou seja, por que motivo o autor os incluiu em cada situação.

Em qualquer veículo de comunicação, você encontrará marcas desses gêneros textuais, escritos com finalidades peculiares. O texto legal nunca será confundido com os que apresentam informações. Os textos buscados em livros serão identificados de acordo com os capítulos, já que seguirão uma ordem estabelecida por seu autor.
A identificação dessas formas de textos antecipa a compreensão do leitor eficiente. Sem os gêneros do discurso não nos comunicaríamos, disse Bakhtin. Eles são instrumentos de mediação e de comunicação.
Portanto, saiba com que tipo de texto você vai lidar. Seu diálogo com ele, assim, será facilitado.
Podemos seguir na exploração do nosso objeto, o texto. O que conseguimos até agora?

11. Novos patamares

Estivemos percorrendo conceitos básicos. Temos alguns passos conquistados e, neste pedaço do caminho, você sabe da importância de:

- ter claras as intenções de sua leitura, os objetivos para os quais ela vai ser empreendida;
- preparar-se adequadamente para essa tarefa;
- identificar a fonte, o título e o papel do contexto, antecipando informações a respeito do conteúdo;
- conhecer um pouco mais os gêneros textuais dentro de um mundo de linguagem e de discursos, que indicam a função para a qual os textos foram escritos;
- saber que é com esse objeto que vai dialogar.

São esses passos iniciais que podem transformar a leitura distraída em uma atividade consciente. Com esses recursos, você deixa de ser um leitor ingênuo e está mais perto de uma participação ativa, em uma conversa com o texto em seus operando criticamente. São preparatórios para atingir outros níveis de leitura.
Podemos, então, aprofundar a pesquisa de outros aspectos do texto?

12. Outros níveis

Seria bom se pudéssemos ter, após a primeira leitura de um texto, uma noção clara de seu conteúdo junto à capacidade de fazer uma síntese de suas ideias. Porém, isso nem sempre é possível. Reclamação muito frequente entre os leitores é a urgência de entendimento do texto. Como rapidamente ter a compreensão de suas ideias? Por que nem sempre ela ocorre à primeira leitura. Na verdade, o que acontece?

Você já entende que leitura é algo mais do que mera decodificação de linguagem. Deve imaginar, portanto, que há outros aspectos em jogo impedindo uma presteza de compreensão em alguns casos.

Nas questões de leitura, a pressa é, como diz o ditado popular, inimiga da perfeição. Não dá para ler com ansiedade ou urgência. Ou por cima. Passando os olhos. Dependendo dos objetivos da leitura, essa pressa poderá causar erro fatal.

O fator tempo é necessário para que nossa capacidade de apreensão cognitiva elabore adequadamente o que deve ser digerido, assimilado.

A primeira leitura de um texto é de contato. Uma segunda leitura, com certeza, reafirmará (ou não) algumas de nossas ideias a respeito dele e nos dará uma noção mais acertada de seu conteúdo, com menos perigos de
subjetividade e mais segurança. Entre a primeira e a segunda há um assentamento cognitivo, um amadurecimento do texto, que será mais ou menos necessário de acordo com a natureza do conteúdo. Um tempo de digestão.

Essa passagem da primeira para uma segunda leitura colabora para a passagem a níveis mais profundos do texto.

Várias leituras podem nos dar, pouco a pouco, uma compreensão cada vez mais esquemática das ideias de um texto. Vamos juntando as informações na tentativa de apreensão das ideias. Vamos saindo da camada mais superficial em direção aos esquemas mentais que possivelmente o autor tinha ao conceber seu texto. Fazemos o caminho inverso ao dele. Tentamos descobrir a escada que ele utilizou, a estrutura sobre a qual ele teceu as palavras, enquanto que nós procuramos desvestir tal escada do recheio de palavras em direção à estrutura de base. Nessa busca, vamos adentrando em outros níveis, em outras camadas. Essa passagem para outros níveis se caracteriza por saltos de abstração.

Claro, que dependendo de variados fatores, há textos que demandam maior tempo para sua compreensão. Mais leituras, mais tempo de amadurecimento. Mais tempo para digestão. Eles podem ser mais impermeáveis à compreensão e, portanto, realmente mais difíceis, ou simplesmente estão fora do nosso repertório habitual. Disciplinas desconhecidas necessitam de mais tempo de elaboração. Assuntos a respeito dos quais já tivemos oportunidade de colher informações,

demandarão menor esforço mental.
Muitas vezes temos uma sensação de incapacidade, ao não conseguirmos entender as ideias principais de um texto, ou o sentimento de que não captamos o seu motivo mais profundo. Você já deve ter tido essa sensação. E, saiba, nem sempre esse sentimento de impotência é justo, pois há inúmeros aspectos que poderiam justificar essa situação.
Muitos textos são mesmo mais difíceis, às vezes de estilo complexo ou até prolixo. Mesmo que o leitor tenha uma perspectiva dessas possibilidades, talvez pela história precária da leitura que temos desenvolvido no Brasil, o que se percebe em geral é uma postura pouco crítica, eu poderia dizer até humilde. Ele não se permite uma avaliação crítica em relação aos textos escritos, não levanta para si mesmo essa hipótese de crítica, não se dá essa liberdade por sentir talvez que não possua recursos para justificar sua avaliação.
Por isso, fazemos verdadeira justiça quando aceitamos tais sensações menos agradáveis e nos posicionamos com realidade na administração das nossas dificuldades. Em cada passo de nossa experiência de leitura, procuremos nos aperfeiçoar para sermos leitores críticos e reflexivos.
Com uma disposição assim positiva, podemos então levar a cabo a tarefa de entender como funciona a passagem de uma leitura superficial para outra de maior profundidade de compreensão.

13. As camadas do texto, uma certa geologia

Há, portanto, diferentes níveis na estrutura de um texto. Como num relevo geográfico. Uma disposição em camadas, uma certa geologia, um relevo que as palavras vão desenhando no branco da página. O que é uma página em branco, senão um vazio imensurável? As palavras se arriscam nele. Com elas, esse vazio deixa de existir.
Temos, então, altos e baixos, reentrâncias e alturas. As palavras vão dispondo significados e sinais de pontuação que, ao ler, vamos organizando mentalmente. Para você melhor aproveitar os sinais dessa geografia, precisa perceber os sinais que a constituem, como uma espécie de dados de topografia.
Na verdade, há muitos níveis nesse relevo entre os quais nós andamos e nos

perdemos se não soubermos nos guiar por entre as palavras, pontuação, frases e parágrafos. O leitor atento não deve se perder no primeiro plano e busca sempre atingir outros mais profundos, visto que neles se instala a síntese do texto.
Ângela Kleiman (2000) indica dois planos nos textos: o superficial e o profundo. Segundo ela, no primeiro plano, o da estrutura superficial, afloram os significados mais concretos e diversificados. É neste nível que encontramos as informações que recheiam o texto a serviço da mais completa maneira de comunicar os conteúdos.
No segundo plano, o da estrutura profunda, ocorrem os significados mais abstratos e mais simples, que resumem as ideias do autor.
A identificação dessa diferença de níveis se faz às vezes mais facilmente, outras, nem tanto. Em geral, a prática de duas leituras de um mesmo texto mostra como esses dois planos funcionam, como já vimos. Depois de um primeiro contato com o texto, nem sempre conseguimos apreender suas ideias de forma completa. É o segundo que vai nos dar com segurança a sequência das ideias. A passagem de um ao outro significa um esforço de abstração, necessário para a percepção das ideias importantes do texto.

Essa é uma das maiores dificuldades dos leitores. E aí que o treino deve ser mais intenso: tentar descobrir como chegar cada vez mais rapidamente a esse nível profundo. É ele que nos oferece os conteúdos de maneira simplificada, o que significa muito para facilitar nossa memorização, nos casos em que o objetivo é o estudo.
Dentre uma gama enorme de possibilidades, há uma técnica que não falha: ler pela segunda, terceira, quarta vez até que se atinja a ordenação das ideias. Ela possivelmente já havia sido anunciada no título e nas indicações de contexto.
Para que fique mais clara essa divisão didática entre planos do texto, retomo os exemplos do capítulo 7. A Carta do Leitor, do jornal diário, passou pelo longo caminho feito pelos autores até que a reclamação de que ela trata fosse atendida: a dificuldade de resposta à carta, as intervenções precárias das autoridades e a indignação dos autores.
A descrição dessa trajetória já se inscreve no segundo plano de elaboração das ideias do texto, por ser resumidora. Mas, ainda se trata de uma enumeração, de dados diversificados que compõem um quadro concreto. Se fizermos mais um esforço de síntese, atingiremos um outro nível de mais abstração e simplificação. Teremos chegado ao objetivo, ao motivo, que conduziu seus autores à escrita da carta: a indignação perante a irresponsabilidade do poder estatal em questão de saúde pública.
No segundo exemplo, o editorial da revista semanal, o núcleo do texto relaciona-

se à questão da importância da imagem como arma de construção de valores culturais positivos ou negativos. Mas, até chegar a esse patamar de compreensão sintética das ideias, temos que caminhar pela série intermediária de muitas informações, de pequenos fechamentos ou pequenas conclusões até a última, mais abstrata e simplificada de todas.

Não, não é difícil, acredite. Talvez falte-lhe familiaridade com esse trabalho em que a leitura surge com um novo conceito. Ela normalmente é vista como tarefa a que não se atrela esforço. Mas, se desejamos ter qualidade e precisamos mudar certos hábitos, o treino inicial é necessário.
Essa busca de fechamentos pelas ideias de um texto requer treino de leitura, atenção e memória. A abstração é o fruto desejado, muito valorizado. Ler é tarefa que queima glicose.
E ainda há outros recursos úteis para o aprofundamento da leitura que serão descritos a seguir.

14. Estratégias para a travessia

Dentre outros recursos para fazer a travessia desse relevo, para abordar os textos e conseguir atingir suas camadas mais profundas de significados, as ideias principais que o compõem, dispomos de estratégias que são de dois tipos (KLEIMAN, 2000).
O primeiro deles apresenta instrumentos que você já deve ter desenvolvido, no contato com os textos nas variadas situações sociais, ou foram aprendidos ao longo de sua prática escolar.
Dessa forma, fazer resumo, sublinhar partes dos textos, o exercício de dividir em partes, ou até, fazer paráfrase são tarefas utilitárias importantes. Essa estratégia de leitura chama-se metacognitiva e consta de operações regulares que desenvolvemos para abordar o texto. Você tem controle consciente delas. Servem para avaliarmos constantemente a compreensão, para determinarmos objetivos para a leitura e organizarmos nosso movimento em relação ao texto. Tais aspectos nos capacitam o controle que se deve exercer no ato de leitura. Você já deve ter elaborado algumas, inventado outras ao longo da sua história de leitor.

Por sua vez, as estratégias cognitivas são operações inconscientes das quais não conhecemos o funcionamento. Não podemos controlá-las conscientemente. Já fazem parte de nossos recursos e, na verdade, são provenientes da época de nossa alfabetização e juntam-se à gramática implícita, adquirida com a fala. É nessa fase de aprendizagem de fala e de primeiras letras que se fundam as raízes de nossa percepção linguística. E se ela não foi muito adequada, percebemos os efeitos de sua falta quando precisamos ler muito ou redigir textos.

Mas, há possibilidade de se rever essa competência, com treino e informações, em outros momentos da vida. Este pode ser um objetivo indireto de nosso trabalho com leitura de qualidade.

Também fazem parte da construção dessa competência linguística a nossa história de leitura, o quanto lemos, as características da cultura nos ambientes familiares, sociais e profissionais que temos frequentado. Todas essas experiências poderão concorrer positivamente ou não para nossa habilidade de leitura atual. Podem ter funcionado positivamente enquanto possibilitam a alimentação de nosso repertório de ideias. Também podem ter nos emprestado modelos linguísticos que são aprendidos e, assim, emprestam corpo à nossa percepção de linguagem escrita.

Você deve ter percebido que, dessa forma, estamos nos aproximando cada vez mais dos aspectos linguísticos do texto. É inevitável alcançar esse destino à medida que aprofundamos nossa análise em busca dos elementos formadores do leitor eficiente.

Nesse sentido, observe o que Evanildo Bechara (2003, p.694) aconselha: "Não levar em consideração o que o autor quis dizer, mas sim o que ele disse; escreveu". Ou seja, o leitor deve entrar da maneira correta nos níveis textuais tentando não ultrapassar o limite possível do que está expresso, visto que não é raro subentendermos ideias ou interferirmos com nossas crenças e pensamentos na intelecção do texto. Vamos percebendo que realmente o texto não é formado de ideias, mas de palavras que carregam ideias. É preciso ficar pertinho delas.

Por isso, caso se perceba que as heranças escolares e sociais tenham sido precárias, não tendo contribuído para o desenvolvimento de nossa capacidade ledora, não devemos desanimar. Na falta dessa experiência que é enriquecedora, se esse for o seu caso, você deve insistir na prática de leitura e de observação dos textos com que entra em contato.

Toda leitura de bons textos pode ajudar no desenvolvimento da percepção linguística se o leitor tiver essa consciência. Aos poucos, você se verá tendo preferência por textos de boa qualidade. O desejo de melhorias, típico da natureza humana, também funciona no uso da linguagem.

A atenção que damos ao nível linguístico concorre para o desenvolvimento de

nossa gramática implícita, por favorecer o contato com modelos de texto e de linguagem verbal escrita. O desenvolvimento de tal competência pode vir da escola e do ensino de língua portuguesa. Mas, pode também vir de nossa observação enquanto lemos, em qualquer momento de nossa vida.
E como isso acontece? Como realizar uma leitura atenta ao nível linguístico do texto?

15. Os blocos de palavras

Ao lermos, as palavras vão sendo estocadas em uma memória de trabalho, com o movimento dos olhos que as organizam. Elas vão formando um material significativo que será reconhecido em blocos, segundo a nossa capacidade linguística. Dá-se o nome de fatiamento a esse arranjo de palavras em blocos.
Você se lembra das noções sintáticas de sujeito, predicado e complementos direto e indireto etc? É desse nível da estrutura da língua que esse arranjo trata. Tais noções gramaticais referem-se a blocos de palavras, também chamadas unidades sintáticas.
Pode acontecer que não reconheçamos com facilidade esse nível linguístico que forma o texto. Podemos ter perdido as noções gramaticais a que ele se refere e isso não tem muita importância neste momento. O pior é não termos mais a noção de que os blocos de palavras refletem a concatenação das ideias de seu autor e a expressão da carga semântica de seu pensamento.
Parafraseando o prof. Othon M Garcia, devemos ensinar a língua portuguesa buscando a correção e, principalmente, porque assim se ensina a pensar, já que ela serve à coordenação e à expressão das ideias, que fazem nossa comunicação (2003, p.6). Temos nos esquecido de que saber usar a língua portuguesa é também (e principalmente) saber expressar o pensamento.
O arranjo verbal de um texto, portanto, é formado por palavras que se juntam de acordo com as estruturas linguísticas da língua portuguesa e de acordo com a organização do pensamento, com a fundamental intenção de boa comunicação. Podemos identificá-las, independentemente dos nomes gramaticais que elas possuem.
Para ler bem não é necessário o conhecimento escolar da gramática, já que a experiência de leitura é fundamentalmente cognitiva. Ir à gramática para tirar dúvidas e relembrar alguns tópicos, como as conjunções (verdadeiras rainhas das

frases) ou as preposições (importantes elementos de ligação), por exemplo, pode ser de grande valia, mas não é indispensável.
Sem deixar de reconhecer o imenso valor dos conhecimentos gramaticais, tentamos abrir novas possibilidades de contato do leitor com a língua portuguesa, para além dos traumas escolares.
Assim, por ser eminentemente cognitiva, a tarefa de identificação desse fatiamento sintático (blocos de palavras) deve se basear na compreensão das ideias que, em princípio, ele carrega.
No momento da leitura, os blocos de palavras selecionados pelo leitor com o movimento dos olhos (que não é linear e recebe o nome de sacádico, percorrendo grupos de palavras), às vezes, podem coincidir com o que se denomina sintagma, de acordo com as teorias linguísticas atuais. Digo muitas vezes e não sempre, porque o leitor pode se dar liberdade na construção do sentido do texto e elaborar estratégias de separação desses blocos de forma pessoal.
Observe a sequência dos sintagmas na frase que segue: (sintagma nominal) A menina do vizinho (sintagma verbal) está falando bobagens (sintagma adjetivo) muito cheia de si (sintagma adverbial) bem contrariamente á opinião (sintagma prepositivo) de todos. Você encontrará informações adicionais a esse respeito no *site* www.museudalinguaportuguesa.org.br, em texto da prof. Helena Brandão, de onde o exemplo acima foi tirado.
Como você pode perceber, esse arranjo das palavras em blocos gramaticais, segue uma ordem que, antes de ser gramatical, é lógica. Sem a teoria gramatical, você é capaz de identificá-lo.
Devemos ter um plano de trabalho para apreender esse corpo do texto, formado por esses sintagmas ou unidades sintáticas que expressam as ideias. É um corpo de texto, uma espécie de rede linguística configurando os significados.
Certa vez, em uma oficina de leitura, uma participante encontrou uma expressão feliz para esse tipo de abordagem. Ela disse que ler os blocos de palavras era "como ler em pedaços" para amarrar a ideia. Isso mesmo: a ideia amarrada por um conjunto de palavras.
Já recebi vários pedidos de outros participantes para dar esquemas para o acesso a esse nível dos textos. Infelizmente não há modelos ou receitas prontas. Não há regras *a priori* estabelecidas. O leitor terá que acompanhar o fluxo do pensamento do autor enquanto se expressa pelas palavras arrumadas em blocos e prestar atenção às pistas que ele lhe oferece, enquanto constrói o texto.
Assim, encontraremos a estrutura do pensamento do autor, de acordo com suas intenções, expressas pelas palavras que ele escolheu e arranjou de forma bastante intencional e específica. Mas, esse não é o ponto de partida para nossa

interlocução com as intenções do autor. Não se esqueça de que quando começamos a leitura de um texto, já contamos com muitas informações a respeito delas.

Se você sente falta de um modelo de leitura, saiba transformar essa dificuldade em um desafio. Desafio positivo. Descobrir a maneira como os blocos de palavra se organizam na estrutura da frase, parece-se muito com um jogo.

Imagine que a hierarquia sintática, ou seja, as dependências entre as palavras são de ordem lógica e muito mais aparentes do que você pensa. Na verdade, nossa observação em relação a esse aspecto da língua pode estar ainda pouco desperta.

Agora que você já possui uma noção do que é um texto e de como as ideias nele se constroem, está pronto para entrar nesse campo linguístico como se entra em um g*ame. Com curi*osidade infantil. A alegria das descobertas chegará aos poucos, na medida em que você puder perceber o sucesso da qualidade de sua leitura.

O exemplo a seguir tem por intenção mostrar, na prática, a identificação de blocos de palavras e a relação que eles estabelecem entre si na frase. O texto é uma pequena notícia de jornal:

Março é um mês especial para os meteorologistas. Comemorase hoje, no Brasil, o dia do meteorologista. O dia 23 é uma data internacional, o Dia Mundial da Meteorologia. A baixa umidade do ar e o calor intenso podem incomodar. Quem já enjoou do calor vai reclamar do tempo até o fim do mês. Aproveite as condições de pouca nebulosidade para apreciar o eclipse total lunar que acontece nesta noite.

(O Estado de S. Paulo, 3/03/2007,
caderno Metrópole)

Antes de ler o texto, você já se informou e sabe que se trata de um texto jornalístico do caderno de notícias, com informações da cidade, de tempo, trânsito etc. Embora não haja título, tais informações antecipam a compreensão: é informação de interesse cotidiano, relacionada à meteorologia.

A palavra *março* é, sozinha, um bloco importante e vem junto a um verbo que vai indicar conceituação (verbo ser). Você espera o conceito a respeito do mês citado, o que se ocorre no bloco de palavras que vem logo depois do verbo: u*m mês especial para os meteorologistas.*

A frase seguinte (C*omemora-se hoje, no Brasil, o dia do meteorologista.)*

*apresen*ta quatro blocos de palavras (e quatro ideias): uma ação (comemorar) e um tempo (hoje), um local (Brasil) e o complemento da ação (o que se comemora).

A próxima frase (O *dia 23 é uma data internacional, o Dia Mundial da Meteorologia.)* nos oferece outra conceituação e como ela repete a estrutura sintática da primeira, identificamos mais facilmente o conceito e o que se quer expressar (uma data de cunho internacional, relacionada à data nacional). A citação da data internacional é realizada em um bloco separado por vírgula, cuja função de separação se evidencia e nos auxilia.

Na frase seguinte (*A baixa umidade do ar e o calor intenso podem incomodar.), iden*tificamos dois blocos. O primeiro é formado por outros dois blocos unidos pela conjunção coordenativa aditiva *e (A baixa umidade do ar e o calor intenso),* e o segundo pelo sintagma verbal (*podem incomodar).*

A penúltima *(Quem já enjoou do calor vai reclamar do tempo até o fim do mês.)* é formada por três blocos: a primeira *(quem já enjoou do calor) indi*ca uma identidade de quem vai se afirmar algo, a segunda diz a reclamação possível *(vai reclamar do tempo)* e o último oferece uma notação temporal *(até o fim do mês).*

O verbo (*aproveite) que* inicia a última frase (*Aproveite as condições de pouca nebulosidade para apreciar o eclipse total lunar que acontece nesta noite.) n*os promete algo: as co*ndições de pouca nebulosidade.* E há a indicação de uma finalidade (outro bloco) que se segue á preposição p*ara: para apreciar o eclipse total lunar.* A expressão do tempo do acontecimento completa o pensamento; que acont*ece nesta noite.*

Essa não é a única maneira de se perceber a distribuição das palavras nessas frases. Há outras possíveis dependendo do leitor, que realizará a visualização das palavras, de acordo com seus recursos linguísticos e que serão válidos na medida em que puderem apontar os sentidos próprios ao texto.

Acompanhar a pontuação pode ser de grande utilidade, já que sua função primordial é indicar as unidades para o processamento da compreensão do texto. Os sinais de pontuação fragmentam o texto de forma visual, organizando-os em unidades que facilitam nosso trabalho de leitura, não porque representem paradas respiratórias (o que pode ser apenas uma coincidência), mas porque concorrem para a expressão de um raciocínio a ser expresso.

Você costuma observar o uso dos pontos finais e das vírgulas? A organização visual da página feita por esses sinais (vírgulas, pontos, travessão, ponto-e-vírgula) se estabelece de acordo com as conexões cognitivas ou discursivas do autor.

Organize-se dentro dessa ordem e procure levantar, então, os significados semânticos que são a parte relevante do trabalho de compreensão de texto.

Assim, você caminha da percepção dos blocos de palavras (nível sintático) que constituem o texto até a construção do seu sentido (nível semântico).
Dessa forma, talvez se torne mais simples discriminar entre as ideias principais e as acessórias. A intenção é que todo leitor desenvolva um repertório de recursos para saber caminhar dentro do texto e fazer essa distinção entre os blocos que são mais ou menos relevantes dentro do texto. Este aspecto pode vir de encontro com uma necessidade importante: a identificação das ideias principais. Essa é uma das reclamações mais frequentes entre os leitores.
Embora não tenhamos regras para isso, visto que a língua escrita apresenta uma infinita possibilidade de textos, você poderá perceber em uma frase longa que os verbos serão, por exemplo, palavras importantes para delimitar os blocos que a constituem. E que as vírgulas servem, em grande parte, para intercalar expressões acessórias aos sentidos principais.
Segue abaixo um texto de jornal de veiculação nacional que poderá exemplificar essas intercalações e separações, cujo valor semântico é o que nos interessa:

O que leva um compositor popular consagrado, uma glória da MPB, a escrever romances?

Para responder a essa pergunta, convém lembrarmos algumas características da personalidade de Chico Buarque de Holanda. Primeiro, a forte presença de um pai que, além de ser um historiador notável, era um fino crítico literário. Depois, o fato de Chico ter se dado conta de que sua genial produção musical não bastava para dizer tudo que ele tinha a nos dizer.
Não se pode dizer que o que o Chico nos diz nos romances não tem nada a ver com o que ele passa aos seus ouvintes através das suas canções. No recém-lançado Budapeste, por exemplo, eu, pessoalmente, vejo um clima de bem-humorada resignação do personagem com suas limitações, um clima que me parece que encontrei, em alguns momentos, na sua obra musical. Uma coisa, porém, são as imagens sugestivas das canções; outra é a complexa construção de um romance. /... / A ficção, às vezes, possibilita uma percepção mais aguda das questões em que estamos todos tropeçando. No caso deste romance mais recente de Chico Buarque, temos um rico material para repensarmos, sorrindo, o problema da nossa identidade: quem somos nós, afinal?

(Leandro Konder, Jornal do Brasil, 18/10/2003).

Observe que os sublinhados marcam blocos separados por vírgulas que

representam gramaticalmente funções bastante diferentes. Mesmo não sendo os responsáveis pelas ideias principais, visto que a maioria deles tem significados que são acessórios, eles surgem com clareza no meio do texto e, assim, facilitam o trabalho do leitor.
Desenvolva sempre essa observação da demarcação dos blocos de palavras, que seguem a ordem estipulada palas ideias do autor. A partir dessa ordenação, você encontrará a construção dos significados. A percepção desse material linguístico e dos mecanismos de agrupamento das palavras nessas unidades sintáticas é o fator que conduz o leitor à interpretação semântica. Prudentemente, não se distancie das palavras.
Nesse processo de leitura intervirão a memória, a inferência e outras funções superiores do psiquismo. Como já lhe disse, a leitura requer de nós esforço e queima de glicose.
Mas, vale a pena. Entre nesse *game*.

16. Coesão e coerência

Neste capítulo, você terá um pouco mais de informação a respeito do material linguístico de que é formado o texto. É nele que se inscrevem as pistas de que o autor se utiliza para estabelecer comunicação com seus possíveis leitores,

buscando para isso clareza e objetividade na sua expressão. Tais pistas são elementos que lhe conferem sentido de organização.
Há muitos fatores que participam dessa organização textual e que lhe garantem uma certa ordem, textura ou textualidade. Entre outros, citamos a coesão e a coerência. Você, em geral e de forma não consciente, enquanto realiza a sua compreensão, identifica tais fatores. Você simplesmente vai perceber que o texto é (ou não é) coerente e/ou coeso.
Há marcas linguísticas que são colocadas intencionalmente para produzir tais efeitos, cuja identificação poderá ser efetuada pela observação do leitor quando ele passar da leitura que chamamos simples para aquela que identifica o nível linguístico e textual: a leitura analítica e crítica.
Assim, um texto coeso apresenta frases e parágrafos encadeados linguisticamente em relação ao sentido que desenvolvem. A coesão ocorre no nível linear de expressão de um texto, em um nível linguístico e gramatical, com a função de estabelecer a relação entre as partes que o compõem.

Há uma série de recursos que têm essa função, entre as frases e parágrafos, tais como os pronomes, palavras denotativas e palavras sinônimas dentro de um texto. As maneiras de se expressar vão criando esses mecanismos de relação entre as partes de um texto.

Embora ocorra mais no nível superficial, o mecanismo de coesão também se liga de alguma maneira ao nível semântico. Selecionamos alguns exemplos de elementos de coesão no texto abaixo:

Produzido por George Pal e dirigido por Byron Haskin, Guerra dos Mundos mostra o que ocorre quando os marcianos invadem a Terra. Na verdade, os vermelhos do espaço servem de metáfora para os outros vermelhos que os EUA enfrentavam aqui mesmo: os comunistas. Afinal, havia, na época, uma guerra na Coréia e o macarthismo faziam estragos no cinema de Hollywood. Nesse quadro, Guerra dos Mundos é muito discutido por sua defesa da guerra bacteriológica. Anos mais tarde, foi essa mesma solução, transposta para a informática, que Roland Emmerich adotou em Independence Day. O lançamento traz como extra só o trailer de cinema. (O Estado de São Paulo, lº/03/2002).

"Os vermelhos do espaço" é uma expressão que retoma (elemento de coesão) o bloco "os marcianos". Outras expressões são retomadas da mesma maneira. Assim, "nesse quadro" e "essa mesma solução" também se referem a expressões anteriores. "Na verdade" e "afinal" encaminham o pensamento do autor, ratificando suas afirmações.

Tais marcas ou pistas indicam ao leitor o caminho do pensamento do autor em relação a suas intenções. Se você estiver atento perceberá esses sinais e sentirá estar em diálogo com ele. Outros termos das orações como pronomes, advérbios, preposições e conjunções podem assumir este papel de elementos coesivos.

A coerência, por sua vez, trata da forma como a argumentação foi construída. É no nível dos sentidos, no nível mais profundo, que tais aspectos de coerência se manifestam. Simplesmente reconhecemos se um texto é coerente ou não.

Por exemplo: a afirmação que um menino de nove anos salvou a irmã de quinze, ao levá-la ao hospital depois de sofrer graves queimaduras na cozinha, não convence. Como isso ocorreu? De que forma a criança pôde levar a irmã? É incoerente e contraditória esta informação. E ele não é coerente ou incoerente em si, mas sempre em relação a um leitor numa determinada situação. Se a linguagem é o lugar de uma interação, é para determinados interlocutores que o texto deverá fazer sentido. Você, como interlocutor, terá a experiência de sentir o texto coerente ou incoerente.

Essa experiência se dá pelo sentido apreendido no conjunto do texto, em nível não linear, não linguístico. É o nível dos conceitos cognitivos em que há uma

recorrência de ideias que o constrói. Elas vão analogicamente configurando as linhas de coerência do texto, de acordo com o que se pretende dizer.
São as repetições relacionadas aos núcleos de ideias ou temas que asseguram a coerência semântica ao texto. É uma das condições para sua coerência. Um argumento fora do padrão que nele se desenvolve será incoerente. Por sua natureza incoerente, ele saltará aos olhos do leitor.
Abaixo segue o texto de uma questão de prova de concurso público, em que podemos observar a questão da coerência:

Controladoria-Geral da União - ESAF. 03/2004 Analista de Finanças e Controle 9. Em relação ao texto, assinale a opção incorreta.Os gregos não possuíam textos sagrados nem castas sacerdotais. Graças à literatura de Homero, produzida oito séculos antes de Cristo, os gregos se apropriaram de uma ferramenta epistemológica que, ainda hoje, nos dá a impressão de que eles intuíram todos os conhecimentos que a ciência moderna viria a descobrir. O que seria de nossa cultura sem a matemática de Pitágoras, a geometria de Euclides, a filosofia de Sócrates, Platão e Aristóteles? O que seria da teoria de Freud sem o teatro de Sófocles, Eurípides e Ésquilo?
Os hebreus imprimiram ao tempo, graças aos persas, um caráter histórico e uma natureza divina. E produziram uma literatura monumental - a Bíblia -, que inspira três grandes religiões: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Tira-se o livro dessas tradições religiosas e elas perdem toda a identidade e o propósito. (Frei Betto)

O primeiro parágrafo nos fala da literatura como fundamental na cultura grega e da contribuição dos conhecimentos gregos para a época contemporânea. O segundo cita os hebreus e a Bíblia como texto importante para a identidade de três tradições religiosas. O que liga tais parágrafos? Qual é a ideia que os liga, proporcionando ao conjunto do texto coerência? Será a referência literária se interpretarmos, então, a Bíblia como texto literário? Talvez a ligação entre eles estivesse mais clara se tivéssemos mais parágrafos que pudessem nos dar outras referências a respeito do assunto. Porém, da maneira como foi apresentado nesta questão, o texto tem pouca consistência textual. Apresenta dúvidas quanto a sua coerência.
Percebemos que a coesão e a coerência são fatores de ordenação capazes de nos indicar se o autor pôde tornar seu texto adequado e eficiente em relação a seus objetivos.
Um texto necessita da cooperação desses diversos níveis de resolução para que

ele não pareça uma colcha de retalhos, mas sim um sistema organizado, instrumento de intermediação social.
Você e eu saberemos compor melhor nossa função como leitores se tivermos a percepção dessa construção de níveis, de significados e de relevos que configuram a rede de palavras no texto.

Parte III

Flor do Lácio, Sambódromo,
Lusamérica latim em pó, O que quer
O que pode esta língua?
Caetano Veloso

17. Exemplo de leitura

Neste exercício de leitura, com dois textos abaixo transcritos, indicaremos alguns dos passos necessários para uma leitura eficiente. Preparado?
O primeiro desses passos é identificar que se trata de dois editoriais de revista, o que antecipa dados importantes para a compreensão. A partir daí, podemos compor hipóteses de leitura. Ou seja, você espera encontrar a descrição das matérias do número da revista em questão e, talvez, algum dado da linha editorial ou da filosofia da revista.
E, ainda se preparando para o diálogo com o texto, que é a chave mestra da leitura, a pergunta que segue é: de que revistas? Uma revista informativa semanal de grande veiculação e outra de cunho comercial de artigos de papelaria em geral. São, com certeza, diferentes embora de mesmo gênero textual.
Mas, de que natureza serão as diferenças? Como elas compõem o seu corpo de palavras? Como é a resolução dos objetivos para os quais foram compostas?
Será mais simples responder a estas perguntas depois da leitura das duas e de uma comparação entre elas. Vamos?
O primeiro texto é da revista de veiculação semanal:

Carta ao Leitor

Ao encerrar-se a década de 70, VEJA apresenta, nesta edição especial de 200 páginas, um grande mural do que foram os últimos dez anos - no Brasil, no cenário internacional, na economia, nas artes, na ciência e tecnologia, no comportamento social. Sob a coordenação da editora Dorrit Harazim, uma

equipe de jornalistas de VEJA, especialmente destacada para a tarefa, esteve durante três meses envolvida na pesquisa, redação da edição deste balanço, num trabalho exaustivo mas de resultado compensador. E assim como encerramos o ano de 1969 com a edição especial sobre a década de 60, fechamos 1979 com este "Os Anos 70"- sendo que, no espaço entre as duas edições, VEJA completou sua implantação definitiva na imprensa brasileira. A demonstração mais simples e eloquente disso é a tiragem de 370000 exemplares que a revista atinge na presente edição.

Em "Os Anos 70" VEJA não pretendeu fazer história nem escrever um tratado de sociologia ou ciência política, mesmo porque este não é o trabalho de jornalistas; também não houve a pretensão de apresentar tudo o que aconteceu entre janeiro de

1970 e dezembro de 1979. O objetivo foi levar ao leitor uma reflexão sobre o que os anos 70 significaram - que mudanças trouxeram em relação ao passado, que perspectivas abriram em relação ao futuro, que ensinamentos podem ter deixado. Nesta dimensão, mais importante que relacionar episódios é mostrar o que querem dizer sua soma e sua combinação.

Todas as décadas, ao terminarem, deixam um mundo diferente daquele que existia em seu início - e as páginas seguintes mostram, por exemplo, que o Brasil de 1979, da abertura política e da negociação, pouco tem a ver com o Brasil ditatorial de 1970, assim como o mundo do petróleo barato do começo da década pouco tem a ver com o mundo de hoje, onde o cartel dos produtores controla não apenas os suprimentos mundiais mas também o próprio fluxo de capital através do planeta. O fim da década faz também pensar sobre o futuro e sobre que tipo de vida estaremos vivendo nos anos 80. Não é o caso de se desesperar, mas também parece não haver muitas razões para otimismo -os anos pela frente prometem ser difíceis e amargos, e serão necessárias muita força e serenidade para fazer a travessia até 1989.

J.R.G. (Revista VEJA. Dezembro de 1979, p. 9)

Percebemos no primeiro período, do primeiro parágrafo que *"Veja apresenta /... / um grande mural do que foram os últimos dez anos". E*m intercalações no início do período e no meio dele, separadas por vírgulas, apresentam-se uma circunstância temporal ("*Ao encerrar-se a década de 70"), a i*dentificação da edição *("nesta edição especial de 200 páginas")* e por um travessão, uma enumeração dos aspectos descritos nesse mural e a localização geográfica (*"no Brasil, no cenário internacional, na economia, nas artes, na ciência e tecnologia, no comportamento social").*

No segundo período, segue-se a ideia central: *"uma equipe de jornalistas de VEJA /... / esteve /... / envolvida na pesquisa, redação da edição deste balanço"* e, em intercalações, a indicação dos responsáveis pela pesquisa e redação *("Sob a coordenação da editora Dorrit Harazim", "especialmente destacada para a tarefa"),* o tempo *("durante três meses"),* e a natureza do trabalho *("num trabalho exaustivo mas de resultado compensador").*
Nas duas últimas frases, o texto faz uma comparação entre as edições de final das décadas de 60 e 70, o que justifica a edição atual (" E as*sim como encerramos o ano de 1969 com a edição especial sobre a década de 60, fechamos 1979 com este "Os Anos 70"").* *Ele t*ambém nos dá a notícia da implantação da revista na imprensa brasileira com o número de exemplares *("sendo que, no espaço entre as duas edições, VEJA completou sua implantação definitiva na imprensa brasileira.", "a tiragem de 370.000 exemplares").*No segundo parágrafo, temos a negação do que não se pretende com essa edição: "*VEJA não pretendeu fazer história nem escrever um tratado de sociologia ou ciência política", "também não houve a pretensão de apresentar tudo o que aconteceu entre janeiro de 1970 e dezembro de 1979".* É prudente começar com o descarte de hipóteses que poderiam ser levantadas por expectativas de leitura, de acordo com a proposta da publicação: "Ao Anos 70". Tal atitude do autor demonstra uma estratégia cautelar interessante. E também antecipa para o leitor a afirmação dos objetivos que deverão ser apontados a seguir. O leitor espera pelo que vem depois disso: a reflexão a respeito do significado dos acontecimentos da década ("O *objetivo foi levar ao leitor uma reflexão sobre o que os anos 70 significaram.").*
No último, no primeiro período, o texto sugere a importância da dimensão temporal da década que, por sua vez, dá embasamento para as reflexões *("Todas as décadas, ao terminarem, deixam um mundo diferente daquele que existia em seu início").* Observar o início de uma década, a de 70, faz pensar a anterior enquanto o seu final abre espaço para suposições em relação ao futuro, a de 80: "O *fim da década faz também pensar sobre o futuro e sobre que tipo de vida estaremos vivendo nos anos 80.".*
Nos dois últimos períodos, o texto sugere profeticamente as surpresas da próxima década e a postura que se deve tomar em relação a elas. A referência comparativa entre o início da década de 70 e o seu final, com certeza, justifica a relevância da publicação.
Vamos ao segundo texto, o editorial da revista comercial:

Editorial

"Cada quá com seu saraquá"

Todos nós, ocidentais, já viramos o pescoço para apreciar uma tatuagem bem-feita, principalmente se ela ornar as costas ou a barriga de uma bela jovem. Já nem ligamos mais para cabelos tingidos de rosa, violeta ou verde-cítrico ou para o "festival de silicone", que invadiu os salões e passarelas do samba, em todo o Brasil, durante o último carnaval. Agora, daria para imaginar nosso próprio espanto se um dia cruzássemos nas ruas com uma "mulher girafa" ou quem sabe uma chinesa adulta, cujo sapato não alcança o número 32? Para os orientais ou mesmo moradores de alguns países africanos, esse tipo de adorno ou costume confere um determinado padrão de beleza. Muitas vezes, e em muitos lugares, os rituais tinham um cunho religioso e acabaram com o tempo incorporados ao dia-a-dia desta ou daquela sociedade. É deste tema que tratamos na matéria "Vai de gosto!" desta edição de março, dedicada à mulher. Entrevistamos também a sambista dona Ivone Lara, que "antes tarde do que nunca" despontou para o cenário musical - e quando o fez não perdeu a majestade; e mulheres que, após os 50 anos, descobriram o glamour das passarelas da moda. Falamos também de negócios, como a visita do presidente mundial da Oki às lojas da Kalunga, das 10 milhões de impressoras fabricadas pela HP e do patrocínio da Fórmula Truck, modalidade de corrida que reúne caminhões de todas as marcas. Com estreia neste dia 11 de março, o circuito tem pela primeira vez o patrocínio da Kalunga, em parceria com a Samsung. Boa leitura a todos!

Revista Kalunga de março - 2007 (n° 194)

Sabemos tratar-se de revista comercial de distribuição gratuita e, a partir dessa informação, podemos nos perguntar de que tipo será a elaboração do texto e da função do gênero textual. Será semelhante ao da revista que tem interesses comerciais? Será diferente?

O título ("C*ada quá com seu saraquá") e o con*hecimento do gênero antecipam informações importantes. Quando começamos a leitura do texto propriamente dito, já contamos essas informações que nos ajudam a construir os seus significados. Lemos entendendo.

Entre aspas, o título apresenta uma expressão de cunho popular, com termo de possível origem tupi, s*araquá. Aind*a de acordo com o Dicionário Aurélio, essa expressão encontra paralelo em outras: "Cada qual com seu saraquá. Brasileirismo. 1. Cada um em seu lugar, em sua ocupação; cada macaco no seu galho, 2. Cada qual com seu destino." (HOLANDA, s.d., p.1273).

Nossa expectativa é que tal frase popular venha explicada ou exemplificada. Essa é uma das hipóteses que levantamos ao lado das outras, provenientes do fato de termos na mão um editorial de revista com um determinado título.

As duas primeiras frases apresentam comportamentos esperados na cultura nacional. Cita alguns detalhes de moda e da vaidade feminina que são menos comuns, mas cuja presença não chega a nos perturbar ("... *já viramos o pescoço para apreciar uma tatuagem bem-feita /... / nem ligamos mais para cabelos tingidos de rosa, violeta ou verde-cítrico ou para o "festival de silicone", /... / durante o último carnaval). Note* a espontaneidade e o tom brincalhão com que o autor nos oferece as informações *("viramos o pescoço", "festival de silicone")* numa linguagem bastante coloquial *("nem ligamos... ").*

As outras duas frases indicam aspectos da cultura africana e oriental. Por serem desconhecidas na cultura brasileira, são passíveis de gerar reações de espanto entre nós *("... nosso próprio espanto se um dia cruzássemos nas ruas com uma "mulher girafa" ou quem sabe uma chinesa adulta, cujo sapato não alcança o número 32? Para os orientais ou mesmo moradores de alguns países africanos, esse tipo de adorno ou costume confere um determinado padrão de beleza.").*

Em seguida, na próxima frase, o texto cita a relação entre a origem religiosa de certos rituais e sua incorporação nos hábitos da população *(" os rituais tinham um cunho religioso e acabaram com o tempo incorporados ao.. .").* Podemos questionar se há uma sugestão de que os hábitos de vaidade das mulheres são provenientes desses rituais de cunho religioso. As palavras não explicitam essa relação. Haveria neste ponto do texto uma questão de coerência. Há uma ausência de sentidos entre essas informações: a referência à vaidade feminina entre orientais e africanos e a incorporação dos rituais. Podemos supor que a matéria da revista possa desenvolver esse assunto, visto que a próxima frase ("É dest*e tema que tratamos na matéria "Vai de gosto!" desta edição de março, dedicada à mulher.") estabe*lece uma correlação com a celebração da mulher no mês de março.

Nessa última frase, o autor justifica de maneira coerente e coesa o título da matéria principal da revista *("Vai de gosto!").* As diferenças culturais se explicam pela especificidade de cada gosto ou preferência. Ao mesmo tempo, ao indicar uma outra expressão popular para explicar tais diferenças, nos remete ao título do texto. O título do editorial, então, também está justificado. Se você esteve atento, vai perceber que a pergunta mantida em segundo plano a respeito do porquê do título, estará respondida agora.

Outras matérias são citadas a seguir. São reportagens com mulheres, já que o número é dedicado a elas: "*Entrevistamos também a sambista dona Ivone Lara /.../ mulheres que, após os 50 anos, descobriram o glamour das passarelas da*

*moda". Mais dois assuntos são enu*merados: negócios e o patrocínio da Fórmula Truck de que a empresa participa: " Fa*lamos também de negócio s/.../ e do patrocínio da Fórmula Truck /.../ Com estreia neste dia 11 de março, o circuito tem pela primeira vez o patrocínio da Kalunga, em parceria com a Samsung."*
Como você pôde observar, ambos os textos cumprem o objetivo a partir do qual foram redigidos. Exercem à risca a função de noticiar as matérias do atual número da revista. Vamos então á aproximação prometida dos dois editoriais para fechar este exemplo de leitura.
Retomamos as perguntas feitas no início do capítulo: de que natureza serão as diferenças entre os editoriais? Como os textos compõem o seu corpo de palavras em torno das ideias?
A linguagem do primeiro texto é um pouco mais elaborada e formal. As frases são mais longas e a estrutura das frases menos próxima do nosso dia-a-dia. Por outro lado, o texto é bem explícito enquanto apresentação de conteúdos. Ou seja, a explanação das ideias é quase didática. E ele não escapa de uma informação com intenção de m*arketing, qu*ando cita a cifra relacionada com o crescimento da revista ao longo da década em questão.
O segundo é mais simples e espontâneo, com linguagem informal e tom humorístico. Tais características da linguagem aproximam o leitor, convidam-no a ser cúmplice do autor. "Quem já não virou o rosto para uma tatuagem?", ele pergunta incluindo o leitor em uma experiência possível da cultura nacional e com muita liberdade na expressão das ideias. Sem chegar a ser Complicador para o leitor, esse estilo com mais liberdade, pede um cuidado na leitura para a identificação de seus sentidos e sutis ironias, presentes no tom humorístico. E ele também não escapa do *marketing*, quando cita um
novo patrocínio esportivo, atualmente um aspecto importante para as empresas.
Por que o autor faz a digressão inicial? Como instrumento de argumentação, ele utiliza essa estratégia para preparar de forma interessante o leitor para a matéria principal da revista.
O tom mais sério do primeiro editorial não apresenta esse recurso de argumentação inicial e põe o leitor a par da matéria do número em questão logo na primeira frase. As sutilezas referentes ao nível de expressão linguística do editorial da revista comercial, que são de cunho humorístico, não estão lá presentes. Temos informações da natureza das matérias, que são reflexivas e trazem ao leitor análises e abstrações a respeito dos conteúdos. O nível linguístico é formalmente impecável.
Ambos cumprem bem a tarefa a que se propõem, mas de maneiras diferentes. O público a que se destinam são fatores fundamentais nessa diferença de abordagem. A liberdade de estilo do texto da revista comercial mostra uma

relação mais íntima com seu público. O outro texto parte de uma relação mais adequada à sua proposta editorial.
Não se esqueça de que esta é uma sugestão de trabalho, entre muitas outras possíveis.
Experimente ler um editorial de outra revista e fazer também uma comparação com estes dois textos. Experimente treinar leituras de variados textos!

18. A folha de registro

A folha de registro contém a anotação das ideias principais de um texto em forma de tópicos, esquemas, chaves ou outras maneiras pessoais e criativas de marcação. Os pontos mais importantes do texto que precisarem de atenção estarão registrados e, possivelmente incorporados, ou seja, memorizados. Você já deve ter feito muitos deles, com outros nomes.
O resultado desse trabalho nem sempre é resumo, porque normalmente não se organizam seus tópicos em um texto ordenado. Pode apresentar vários nomes: esquema das ideias ou síntese. O nome não importa, mas o exercício é muito importante, pois, ajuda em muitos aspectos. Inclusive na memorização dos conteúdos.
Apesar de parecer perda de tempo ou um atraso no ritmo do estudo, esse treino otimiza a capacidade de se atingir os níveis mais abstratos dos textos, o que requisitará de você um esforço cognitivo.
Para a elaboração do registro de dados, é necessária uma leitura mais atenta. A rapidez em sua execução dependerá do seu treino em leitura.
A escolha dos tópicos a serem registrados surgirá dessa leitura de qualidade, aquela a partir da qual surgem as ideiassíntese. Tais ideias serão discriminadas entre o que é principal e acessório no texto, facilitando o seu estudo ou pesquisa.
A forma desse registro apresentará os traços de estilo de cada leitor, de acordo com preferências pessoais e necessidades particulares. Isso significa que haverá mais frases estruturadas ou mais setas e desenhos dependendo de cada um, ou então, de cada disciplina estudada e de suas peculiaridades. O importante é você descobrir formas eficientes de realizar este registro de ideias. Importante também é você descobrir qual é o seu estilo.
Além disso, visto que exige observação cuidadosa, este treino poderá fazer você desenvolver aspectos do trabalho cognitivo de compreensão do texto.

Para se fazer um bom registro das ideias principais, você vai ter que se comprometer com a leitura. Além de tudo isso, ela poderá ganhar ritmo e velocidade. E, a partir daí, claro, ganhará também qualidade.
O exemplo abaixo mostra uma possibilidade de registro de dados. Outras são possíveis. Experimente ler o texto sugerido e fazer o seu registro e, só depois então, veja a resolução apontada.

TEXTO: A CONSTITUIÇÃO DE 1946

Instalou-se, em 2/2/1946, uma nova Assembleia Constituinte, a quarta Assembleia Constituinte Brasileira, da qual resultou uma nova constituição, promulgada em 18/9/1946. Esta constituição, inspirada na democracia social Weimariana, regulou os problemas relativos á ordem econômica e social, á família, educação e cultura; ampliou as técnicas intervencionistas; combateu a força econômica dos trustes.
Durante a vigência dessa constituição o Brasil foi governado sucessivamente por Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Café Filho, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros. Este último foi eleito com uma esmagadora maioria de votos, entretanto a sua renuncia brusca provocou uma grande crise político-militar no país. Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, implantou-se o Parlamentarismo como solução para esta crise, tendo como Primeiro Ministro o Deputado Tancredo Neves. O ato adicional que implantou o Parlamentarismo previa em seu texto a realização de consulta popular por meio de um plebiscito. Este plebiscito foi realizado em 6/a/1963 e o povo, por maioria, consagrou o regime presidencialista, restaurando-se os tradicionais poderes ao Presidente João Goulart que assumira com a renúncia do Presidente Jânio Quadros.

(LIMA, José Juarez Tavares de. Direito Constitucional. São Paulo: Pró-concurso, s.d., p.43.)

Resolução do exercício: Folha de registro

A CONSTITUIÇÃO DE 1946

1. 2/2/1946: instalação da quarta Assembleia Constituinte, de que se originou a constituição de 18/9/ 1946. Inspiração na democracia social weimariana: regulação de problemas econômicos e sociais, familiares, educacionais e culturais; ampliação de técnicas intervencionistas; combate aos trustes.
2. Durante essa constituição: governos de Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas,

Café Filho, Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros (maioria de votos e renúncia que provoca crise políticomilitar).

3. Parlamentarismo, após renúncia de Jânio Quadros. Primeiro Ministro: Deputado Tancredo Neves. Plebiscito realizado em 6/1/1963 decide pelo presidencialismo. Presidente João Goulart.

Sabemos, então, ao terminar a leitura e depois de fazer a folha de registro o que é o poder do Estado, como se exerce e organiza entre os cidadãos de um determinado território. Somos até capazes de relatar essa compreensão para outra pessoa. Construímos o significado desses conceitos a partir do texto em questão. Esse trabalho é útil e facilita a memorização.

Treine! Releia a sua folha de registro. Veja como você organizou as ideias, enquanto compreendeu a sua sequência. Lembre-se de que a leitura é sempre um trabalho de construção de sentidos.

Faça o mesmo em outro texto!

19. O diário de bordo

Você já se imaginou, um pouco pelo menos, como Ulisses empreendendo uma viagem em busca de mais amplos horizontes?

Essa ideia me ocorreu certa vez ao conversar com um aluno que se preparava para prestar um concurso. E essa imagem está cada vez mais viva. É tarefa homérica estudar por um certificado, diploma ou uma vaga em um concurso. Não parece uma longa viagem a um destino muito desejado?

Pois para que ela tenha sucesso são necessários alguns preparativos e certa disciplina no trajeto. Importante é saber com segurança de onde saímos e para onde vamos. Devemos ter técnicas de estudo eficientes para esta viagem, como mapas e bússolas, já que se trata de uma longa jornada.

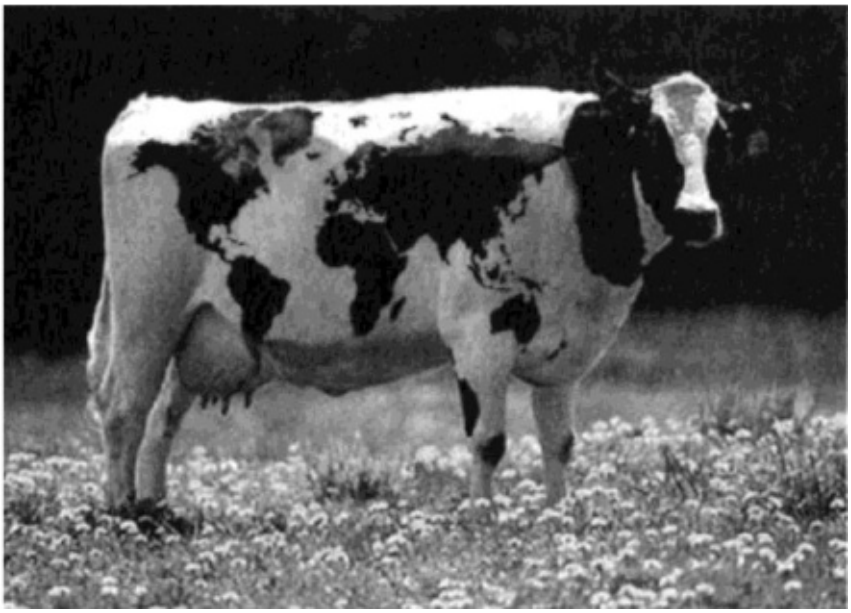
Daí o nome diário de bordo desta técnica de estudo. Um documento a ser diariamente vistoriado, seguido, marcado por você e que funcionará como um grande instrumento de controle. Quase um verdadeiro mapa de todo o trajeto a ser percorrido.

Na verdade, trata-se de um quadro (folha A4 ou A3, cartolina ou outro tipo de papel), em que você deve enumerar os tópicos a serem estudados, extraídos de um conjunto de conteúdos, como o índice de livro ou o edital de concurso. A sugestão é que se faça o desenho dos capítulos em colunas, por exemplo.

Haverá nessa folha a totalidade dos assuntos a serem estudados e ela funcionará como uma central de informações.
Por exemplo, haverá uma marcação de conteúdos já estudados e os que não ficaram suficientemente claros, para futura complementação da tarefa.
Outro aspecto dessa técnica é a visualização dos tópicos a serem estudados, que ganham transparência por representarem uma espécie de memorando do seu conjunto.
Assim, ficará mais claro em que ponto do trabalho você se encontra. Como em um mapa, você se localizará no caminho que está percorrendo. Caso se depare com uma dificuldade, você pode anotar o ponto de parada e ir para outro capítulo ou disciplina. Ao voltar, haverá mais clareza em relação aos itens que apresentaram facilidade ou dificuldade.
Essa revisão do andamento do estudo, também favorecerá a utilização da sua memória. Sabemos que ela funciona pela repetição dos dados a serem memorizados. Quanto mais ratificarmos as informações, mais facilmente elas serão incorporadas nos níveis mais profundos da memória e, portanto, mais bem fixados. Você não quer estimular o uso da memória? Com o diário de bordo, haverá mais possibilidades de você entender e construir as referências lógicas dos conteúdos.
Há uma diferença grande entre decorar e aprender. A aprendizagem requer que você ultrapasse o nível de decoração dos conteúdos, utilizando sua memória de maneira diferenciada e contribuindo para a construção do conhecimento, a partir de uma rede de informações. A elaboração do diário de bordo ajuda a memorização e colabora para a verdadeira aprendizagem desses conteúdos.

20. Outro exemplo de leitura

A vaca letrada: uma vaca que regurgita ideias, abre caminhos e oferece possibilidades... Você é ca*paz de l*er tudo isso nessa vaquinha tão comum?



[Ilustração disponível em www.worthl000.com]

Conclusão

Os limites de minha linguagem significam os limites de meu mundo.
Wittgenstein

Podemos retomar a pergunta inicial: você sabe mesmo ler?Ao longo deste livro, talvez você tenha mudado a sua percepção a respeito do que é leitura. Tomou contato com muitos de seus aspectos, alguns deles já familiares, outros desconhecidos, alguns talvez insuspeitados. E também, com sorte minha, sua resposta poderá ser positiva.

Relembrar a complexidade do ato da leitura neste momento também pode fazer mais sentido. Visto que são tão variados os aspectos que o compõem, podemos entender como é essencial que você tenha consciência de todos: desde as questões mais físicas e emocionais que podem interferir no processo da compreensão, até as informações a respeito dos aspectos cognitivos e especificamente linguísticos da leitura.

Daí também, fácil entender como você necessita ter uma bagagem de recursos para que essa atividade seja realizada com eficiência. Com ela, podem-se criar possibilidades reais para você agir como um bom leitor.

E é fácil estudar? Não, não é fácil, pois, demanda disciplina, compromisso e, principalmente, recursos eficientes de leitura, de memorização, de atenção. Demanda que você tenha uma observação cuidadosa sobre os aspectos particulares a essa experiência.

E está em suas mãos a administração de todo o processo. Todas as informações que fazem parte deste livro, não são suficientes para fazer um bom leitor, se você não puder identificar o ponto fraco em que deve colocar mais atenção, com o objetivo de melhoria da qualidade de sua leitura. Mas, a informação está passada e as fronteiras do mar abertas à sua viagem. Aventure-se como Ulisses.

E, quem sabe, eu também tenha despertado algo mais em você assim como a curiosidade a respeito de textos e de como a língua nos expressa por escrito. Seja pela peculiaridade das palavras num título de texto ou pela
marca pessoal em cada leitura, a direção de seu olhar para o texto, o desenho particular de abordagem. A sutilezas desse contato do leitor com o texto. Com que olhar lemos? Qual é o limite entre as palavras desenhadas na página em branco e a nossa percepção de mundo?

Num quase mistério elas vão estabelecendo significados e desenhando geografias, relevos. Com sutilezas pelos caminhos dos textos, pelos desvãos entre os parágrafos, poesia de forma, metáfora de construção. Em meio a isso, distraidamente, que você possa ter uma aproximação amorosa em relação à língua portuguesa. E quem sabe o gosto pelo universo dos textos tenha talvez passado a visitar a sua imaginação?

E, também, nesta ampliação do conceito de leitura que você possa, a partir de agora, atingir outros tipos de textos. Os recursos necessários para o contato com o texto escrito, estes com que você já pode contar, também participam do repertório do leitor de outras linguagens. No mundo contemporâneo, há muitas linguagens produzindo inúmeros tipos de textos.

E elas são muitas e dependemos de recursos de leitura, para lhes atribuir sentido ou significado, visto que são expressões culturais e simbólicas, em forma de palavra, gesto, som ou imagem (MARTINS, 2003). Ou seja, os recursos que você puder desenvolver na leitura de textos escritos servirão para elaborar outros de diferente natureza. Como é ler um filme, um quadro, uma peça de propaganda, uma parede grafitada? Como é permitir que as manifestações culturais entrem em nossa vida e ganhem representação em nosso repertório de leitores? Como é ampliar nosso mundo imaginário?

Na verdade, à nossa frente, há um mundo cheio de textos para ser lido e interpretado. E as condições para acessar esse mundo está em suas mãos caso você queira ser participante desta festa de sinais e de formas simbólicas.

Ele espera participação. E o seu, o nosso mundo particular espera por essa ampliação.

Que a sua história de leitura, que se atualiza a cada nova página lida, possa abrir-se a novos capítulos.

E que este livro possa ser finalizado contando com a construção de sentido que você possa realizar. Sua leitura o faz vivo. Seu significado depende de sua leitura.

Que a experiência da leitura deste texto tenha dado seus frutos. Que ela também tenha plantado outras sementes.

São Paulo, julho de 2007

Referências Bibliográficas

BARROS, Dinah Luz Pessoa de - Teoria S*emiótica do Texto.* SP: Ática, 2000.

BECHARA, Evanildo - *Gramática escolar da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BORDENAVE, Juan E. Díaz - O *que é comunicação.* 28ª.ed. SP: Brasiliense, 2003.

BRANDÃO, Helena. *Analisando o Discurso.* www.museudalinguaportuguesa.org.br. Acesso em 04/ 08/2006.

DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. SP:* Perspectiva, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. Coesão e c*oerência textuais. 9*ª. ed. São Paulo: Ática, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia.* 7* ed. SP: Ática, 2000.

GARCIA, Othon M.. Comu*nicação em Prosa Moderna. 23*ª ed. São Paulo: FGV Editora, 2003.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo *Dicionário Aurélio.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

KLEIMAN, Ângela. Ofici*na de leitura. Teoria e prática.* Campinas: Pontes e Editora da Unicamp, 2000.

----- , *Leitura - ensino e pesquisa.* 2* ed. Campinas: Pontes, 2004.

----- , *Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura. 8*ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. A coesão *textual. São* Paulo: Contexto, 1993.

----- , e TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A coer*ência textual. São* Paulo: Contexto, 1993.

----- , Argum*entação e Linguagem.* São Paulo: Cortez,

1993. ----- , A inter-*ação pela linguagem. 2* ed. SP: Contexto, 1995.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitur*a. SP: Brasi*liense, 2003.

MORENO, Arley R. - *Wittgenstein. Os labirintos da linguagem.* São Paulo: Moderna, 2003. p. 105.

PLATÃO, Francisco Savioli e FIORIN, José Luiz - Par*a entender o texto - leitura e redação.* 16ª. ed. SP: Ática, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos - Gramática e interaç*ão: uma proposta para o ensino de gramática.* 9 ed. SP: Cortez, 2003.



A Autora

Fiz a graduação (Letras) e a pós-graduação (Literatura Portuguesa) na Universidade de São Paulo.

Desenvolvi o magistério em Língua Portuguesa ao longo de mais de duas décadas. Tenho me especializado em Literatura Analítico-reflexiva, trabalho que deu origem a este livro. A partir de uma necessidade do público, elaboro atualmente urna metodologia de ensino em produção de texto. Exercito a leitura da palavra. Pelo caminho, aprendi também a ler o gesto e a postura do corpo e a linguagem dos planetas no céu. Todas essas linguagens me alimentam a alma. Enquanto leio o mundo possível a mim, também me divirto pela vida.

Contato com a Autora

www.agonzalez.pro.br

contato@agonzalez.pro.br

Pedidos:

AstroBrasil: www.astrobrasil.com.br
Pela *Internet:* www.astroshopping.com.br Rua Estela, 515 - B1 F, 10° andar, cj 102. 04011-904 São Paulo (SP) - Fone: (11) 5083-0260
Escola Regulus: www.regulus.com.br
Rua Estela, 515 - B1 E, 7 andar, cj 71. 04011-904 São Paulo (SP) - Fone: (11) 5549-2655
Gaia Escola de Astrologia: www.gaia-astrologica.com.br Av. Lacerda Franco, 1542 - Aclimação.
01536-001 São Paulo (SP) - Fone (11) 5084-3256

Este livro foi impresso em julho de 2007, pela Life Serviços Gráficos Ltda, empresa do Grupo Comunicare - Curitiba (PR): www.comunicare.com.br
Composição em fonte Bookman Old Style, 10.5

"Provavelmente aquelas coisas
tinham nomes. O menino mais
novo interrogou-o com os olhos.
Sim, com certeza as preciosidades
que se exibiam nos altares da
igreja e nas prateleiras das lojas
tinham nomes. Puseram-se a
discutir a questão intrincada.

Como podiam os homens guardar tantas palavras? Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas. Não tinham sido feitas por gente. E os indivíduos que mexiam nelas cometiam imprudência. Vistas de longe, eram bonitas. Admirados e medrosos, falavam baixo para não desencadear as forças estranhas que elas porventura encerrassem."

Vidas Secas, Graciliano Ramos